

BASQUETEBOL BRASILEIRO

NAS OLIMPIADAS DE 1948

1.º Tenente Alfredo Rodrigues da Motta

O Basquetebol, pelas vantagens que reúne, é o jogo esportivo fadado a cada vez mais aumentar o número de adeptos. Criado por um só homem para atender a várias exigências que se prendem ao interesse de jogadores e de assistentes, criteriosamente prestabelecidas por Luther Gullick, por isso em 57 anos de existência avassalou o mundo.

Seu criador, James Naismith, era professor de Educação Física do Internacional Young Men's Christian Association College da cidade de Springfield, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América e Gullick, diretor dessa Associação.

Datam de 1892 as primeiras regras de Basquetebol escritas por Naismith, cujas bases são integralmente mantidas no jogo moderno, apesar de evolução através dos anos.

A introdução do Basquetebol no Brasil deu-se em 1899, no Mackenzie College, de São Paulo. Mais tarde, em 1906, Oscar Thomson adotou na Escola Normal do mesmo Estado. Suas primeiras regras internacionais foram traduzidas para o português por uma comissão da qual fizeram parte os Srs. Henry J. Sims, Itagiba R. Novais, D. F. Moutinho e Victor A. Auguste. Estas regras serviram ao nosso Basquetebol até que Reis Carneiro traduziu as regras Internacionais Oficiais de 1936, regras essas que ainda agora foram seguidas nas últimas olimpíadas e que acabam de ser modificadas pelo Comitê de Regulamento da Federação Internacional de Basquetebol Amador.

As nossas regras, ora em vigor desde janeiro de 1946, são as regras Oficiais da Amateur Athletic Union of the United States, de New York (1944-45) aprovadas no XII Congresso Sul-Americano de Basquetebol, realizado no Equador, em Guaiquil.

Os grandes empreendimentos têm os seus apóstolos, o Basquetebol também os possui no Brasil: Oscar Thomson, Osvaldo Rezende, Henry J. Sims, Arnaldo Guinle, F. C. Brown, C. B. Henna, Osvaldo Magalhães, Alfredo Wood, F. M. Long, Renato de Andrade, Reis Carneiro, Melo Junior, Adolfo Chermann... e poucos outros que a minha ignorância ou a minha memória, no momento deixa de lhes fazer justiça.

O Basquetebol foi programado pela primeira vez nos jogos Olímpicos realizados em Los Angeles no ano de 1932.

A Delegação brasileira à XIV Olimpíada Moderna deu ao nosso país sem o menor estímulo, fortemente diminuída pela imprensa e até os seus integrantes foram chamados de turistas. Coisa estranha porque o Brasil tem figurado honrosamente no Basquetebol Sul-Americano, e este, é excelentemente credenciado.

A escolha dos scratchmen e a do técnico foi entregue à Comissão Técnica da C. B. D. A Delegação ficou assim constituída: Chefe, Reis Carneiro; delegados, Adolfo Chermann e Ari Oliveira de Merzes; técnico, Moacyr Daiuto; scratch-



mens, Afonso Évora, Alexandre, Alfredo Mota, Alberto Marson, João Braz, M. Vinicius Dias, Massinet Sorcinelli, N. Pacheco de Oliveira, Ruy de Freitas e Zeny de Azevedo.

Na partida, exceção feita dos nossos parentes, ninguém levou os basqueteboleres brasileiros ao avião. Este fato não nos pungiu, porque os íntimos nos confortaram.

Ao chegarmos em Londres, rumamos então para o alojamento 57 do antigo quartel da RAF. Alimentação, contrôle e assistência médica... Tudo difícil. Somente não nos faltou a dedicação pessoal do General Edgar do Amaral e aquilo que dependeu propriamente da delegação-chefia, delegados e técnicos.

Contrastando com esse lado da jornada, a mão de Deus não nos abandonou no desenrolar dos prélios. Passemos revista nos jogos:

1.º JOGO — BRASIL x HUNGRIA

Juizes: M. M. Pfeuti, suíço e Page, inglês.

Teve início às 17,50 horas do dia 30-7-48.

Resultado: 1.º tempo — Hungria 22x21.

Final: 39x39.

Prorrogação: Brasil 45x41.

Brasil — Alexandre, 2; Alfredo, 7; Algodão, 15; Braz, 9; Massine 4; Pacheco, 3; Rui, 5.

Hungria — Bankuti, 2; Lovrics 5; Mezofi, 2; Novacovski, 14; Nagy 6; Timar-Gegn, 7; Zsiros, 5.

Iniciamos o match com Braz, Fcheco, Algodão, Alexandre e Rui. Devo dizerque, neste jôgo, nos prejudicou bastante a convião que levamos de que o Basquetebol europeura fraco. Excesso de confiança. Os húngaros gam Basquetebol de verdade. Empregamo-nos fundo e no placar o sinal de igualdade domitu todo o tempo.

A diferença máxima que se verificou foi de 4 pontos; duas vezes favoráveis aos ungaros, 7 x 11 e 32 x 36 e uma só vez aos asileiros, 45 x 41, graças a Deus no fim. Jogoara lá de duro.

2.º JOGO — BRASIL x URUGAI

Juizes: Bigot, francês e M. J. Ciski, checoslovaco.

Teve início às 10.50 horas do dia 27-7-48.

Resultado — 1.º tempo: Brasil 224.

Final: Brasil 36 x 32.

Brasil — Alfredo, 14; Algodão, 12; Braz, 1; Massinet, 2; Pacheco, 2; Rui; Vinicius, 1.

Uruguai — Acosta y Lara, 1; Dial; Lombardo, 18; Lovera, 7; Ruiz, 2.

Este encontro me assustou muito, a classe do competidor, já meu conhecido, e pelácio.

Entrei em campo substituindo Br; com o

score desfavoravel de 5x12. Passamos em seguida a dominar o marcador até 20x18, quando terminou o primeiro tempo.

No segundo tempo não deixamos mais que o adversário tomasse a dianteira até ao término. As maiores diferenças da contagem foram de 7 pontos para os uruguaiois, 3 x 10 e 5x12, e para nós foi de 11 pontos sôbre os nossos valorosos adversários. Finalizamos com 4 pontos, 36x32.

Se é certo que, ao iniciar a partida, estavamos preocupadissimos, é também verdade que a



derrota que infringimos, nos serviu de pedra de toque com que avaliamos as nossas possibilidades no certame.

3.º JOGO — BRASIL x INGLATERRA

Juizes: M. F. Vanderperren, bedga e Bigot francês.

Teve início às 9 horas do dia 2-8-48.

Resultado: 1.º tempo — Brasil 41x7.

Final: Brasil 76x11.

Brasil — Alexandre, 5; Alfredo, 16; Algodão, 9; Braz, 14; Évora, 2; Massinet, 11; Pacheco, 7; Rui, 5; Vinicius, 7.

Inglaterra — Davis, 6; Pinlay, 1; Nowis, 2; Lionel, 2.

Apesar da grande vantagem assinalada pelo marcador, ao finalizar a partida ela não refletiu perfeitamente o valor dos britânicos. E' que demos ao jôgo o quanto podíamos porque, no cômputo final, os empates, seriam decididos pelo "goal-average". Precisavamos nos precaver.

4.º JOGO — BRASIL x CANADA'

Juizes: M. M. Pfeuti, suiço e Chauvechild, belga.

Teve início às 16,30 horas de 4-8-48.

Resultado: 1.º tempo: Brasil 32x12.

Final: Brasil 57x35.

Brasil — Alfredo, 23; Algodão, 11; Braz, 9; Massinet, 4; Pacheco, 7; Rui, 3.

Canadá — Bakken, 4; Bell, 5; Blomfield, 4; Kermode, 4; Mc Geer, 8; Mitchel, 5; Munro, 3; Waxman, 2.

Entramos na quadra ainda mais preocupados do que ao defrontarmos os uruguaios. Desconhecíamos o adversário e iam jogar com os vice-campeões do mundo.

Inicia-se o jogo e eles, imediatamente, inauguram o placar, mas Pacheco, Algodão e Massinet fazem a contagem subir a nosso favor.

Quando substituí Braz já a contagem subia a 11x9; continuou se elevando até terminar o 1.º tempo quando levavamos a vantagem de 20 pontos.

Nossa superioridade foi cada vez mais se acentuando até ao término, 51 x 25. Chegamos a estar 27 pontos na frente, 48 x 21.

Parece-me que foi o médo que nos deu vigor. Constantemente me assaltava a mente a possibilidade de que os nossos contrários pudessem mudar o panorama da partida, apesar da diferença.

5.º JOGO — BRASIL x ITÁLIA

Juizes: M. M. Pfeuti, suiço e M. J. Osuski, checoslovaco.

Teve início às 16,40 horas do dia 5-8-48.

Resultado: 1.º tempo: Brasil 22x15.

Final: 47x31.

Brasil — Alexandre, 3; Alfredo, 12; Algodão, 8; Braz, 4; Évora, 2; Massinet, 3; Pacheco, 13 e Rui, 2.

Itália — Ferriani, 2; Mantelli, 3; Marinelli, 8; Ranuzzi, 6; Rapini, 7; Traguzzi, 2. guzzi, 2.

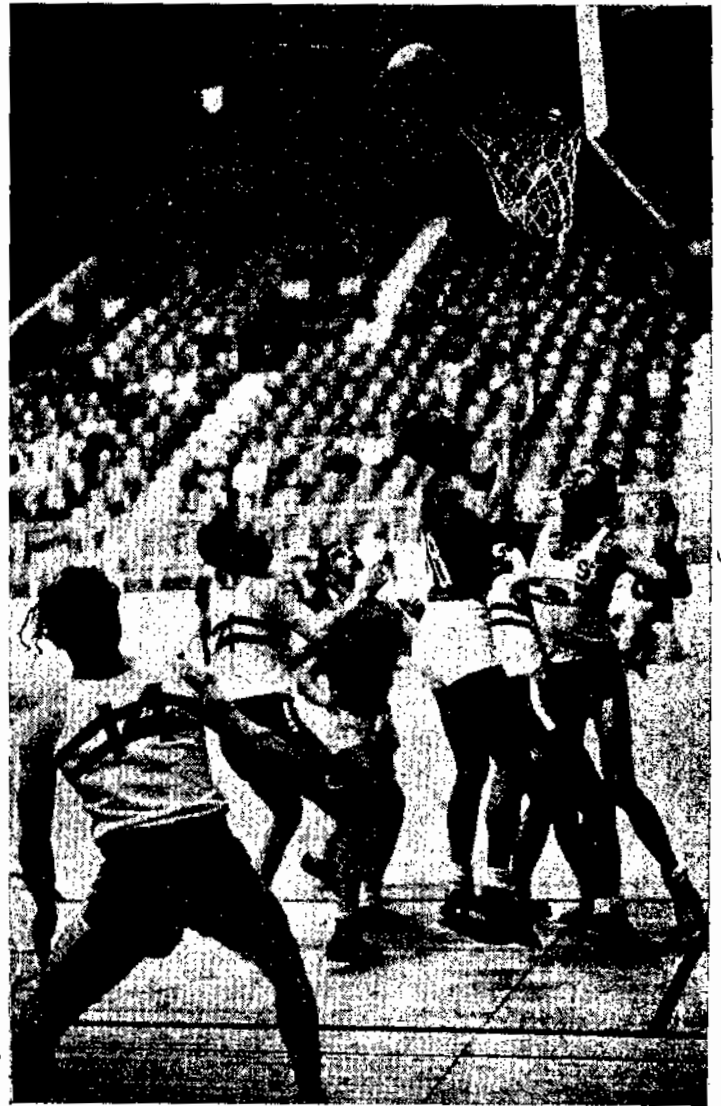
Pela primeira vez entrei de saída. Estava confiante.

Não posso dizer que o jôgo tivesse transcorrido duro, mas os adversários estiveram duríssimos.

Somente nas primeiras modificações do marcador os italianos tiveram vantagem de 3 pontos, 2 x 5, daí em diante, até ao fim do prélio não nos

apanharam mais. No primeiro tempo a diferença máxima verificada foi de 10 pontos, 15 x 5. Antes de terminar a primeira fase da partida recebi uma contusão séria; ainda hoje ela às vezes se faz lembrada. Igual sorte teve Algodão, Pacheco e Évora. Comandamos o jôgo em todo o 2.º tempo. Chegamos a estar 21 pontos na frente.

As consequências deste jôgo se propagaram nos três últimos que realizamos em Harringay Arena.



6.º JOGO — BRASIL x CHECOSLOVÁQUIA

Juizes: M. N. Moran, turco e A. M. Wahby, egípcio.

Teve início às 15,20 horas do dia 9-8-48.

Resultado: 1.º tempo Checoslovaquia: 13x10.

Final: Brasil 28x23.

Brasil — Alfredo, 5; Algodão, 4; Braz, 2; Évora, 3; Massinet, 5; Pacheco, 2; Rui, 5; Vinicius, 2.

Checoslováquia — Benecek, 2; Kozak, 3; Kremicky, 2; Krepela, 2; Marzek, 12 Tropkos, 2.

Foi outro embate difícil. Quando substituí Évora, o marcador indicava 3 x 6 contra nós, o

pior é que todos nós não nos sentíamos bem, tinhamos grandes recordações dos italianos. Os checos continuaram a nos sobrepujar até findar o 1.º tempo com a vantagem de 3 pontos, 10 x 13. Ocasião houve em que estiveram 4 pontos na frente, 6 x 10, que foi a diferença máxima neste tempo que terminou favorável aos checos, 13 x 10.

Sai de campo quando a peleja nos era ainda adversa, por 8 x 10 e só voltei já no segundo tempo, quando ela nos era favorável por 18 x 17. Daí a sorte não mais nos abandonou até finalizar a luta por 28 x 23.

A nossa maior vantagem ocorreu quando o score era de 27 x 21, 6 pontos. Vencemos, mas os nossos padecimentos físicos pioraram.

7.º JOGO — BRASIL x FRANÇA

Juizes: M.M. Pfeuti, suíço e A.M. Wahby, egípcio.

Teve início às 21 horas do dia 11-8-48.

Resultado: 1.º tempo — França 23x19.

Final: 43x33.

Brasil — Alfredo, 12; Algodão, 2; Braz, 8; Évora, 8; Massinet, 1; Pacheco, 2; Rui, 6.

França — Buffiere, 2; Chocat, 3; Derency, 16; De Saymonnet, 2; Guillou, 4; Offner, 5; Perrier, 9; Thiolin, 2.

Ao nos defrontarmos com os franceses estávamos confiantes, embora tivéssemos 4 jogadores em mau estado físico. Além disso ou por causa disso, na quadra nada que fizemos deu certo. Estivemos na frente somente de 12 x 11 até 18 x 16. Depois não logramos mais alcançá-los e estiveram até 17 pontos na frente, 36 x 17. E a agonia continuou até que a vantagem se fixou em 33 x 43...

8.º JOGO — BRASIL x MÉXICO

Juizes: M.M. Pfeuti, suíço e M.A. Siner, francês.

Teve início às 19,30 horas do dia 13-8-48.

Resultado — 1.º tempo: México 25 x 17.

Final — Brasil 52 x 47.

Brasil — Alfredo, 26; Algodão, 6; Braz, 2; Massinet, 3; Rui, 7; Vinicius, 8.

México — Lizana, 6; Barajas, 4; Goya, 9; Rojas, 6; Santos, 17.

No nosso último compromisso em Harringay Arena, ao entrarmos na quadra, levávamos o ânimo abalado e o corpo um tanto refeito. Transcorreu todo o 1.º tempo como se carregássemos fardos, moviámo-nos pesadamente. Mas, as dores tinham desaparecido.

Acabaram-se os minutos da fase inicial e o marcador gritava 17 x 25, contra o Brasil. Duas vezes os mexicanos se distanciaram de nós por 10 pontos, 6 x 16 e 10 x 20.

Na segunda fase do jogo a distância foi diminuindo até que igualamos o marcador 40 x 40; passamos a frente; novamente empatada a partida, 42 x 42; Santos desempata para os mexicanos 42 x 44; Massinet empata... E assim, encarnadamente, se desenvolve a luta, ora para um, ora para outro bando... Até que, num esforço ingente, tomam a frente os brasileiros até finalizar a contenda com a diferença de 5 pontos a seu favor.

Tínhamos nos colocado em 3.º lugar!

A visão geral do acontecimento confortou sobremodo o Basquetebol brasileiro.

A Delegação brasileira, que se conduziu excelentemente no desempenho de sua missão, teve em Londres condigno prêmio. Reis Carneiro, que a chefio, foi eleito Vice-Presidente do Congresso Mundial de Basquetebol e Adolfo Chermann, escolhido para a Comissão de Reforma das Leis.

O selecionado se desempenhou de modo muito acima da expectativa e os ensinamentos que seus players trouxeram para o esporte são inestimáveis, tão valiosos que somente os que lá estiveram podem aquilatar de sua importância.

Nossos Juizes de Basquetebol não ficariam diminuídos ao lado dos europeus. Estes marcam bem os contatos pessoais e distinguem com justiça os acidentais e inevitáveis dos intencionais.

Lamentável por todos os títulos se fez sentir a ausência dos árbitros norte-americanos. A colocação final das 23 nações que disputaram o Torneio Olímpico de Basquetebol, foi a seguinte: Campeão: Estados Unidos; Vice-Campeão: França; 3.º lugar: Brasil; 4.º México; 5.º, Uruguai; 6.º Chile 7.º Checoslovaquia; 8.º Coréa; 10.º Perú; 11.º Bélgica; 12.º Filipinas; 14.º Iran; 15.º Argentina; 16.º Hungria; 17.º Itália; 18.º China; 19.º Egito; 20.º Inglaterra; 21.º Suíça; 22.º Iraque; 23.º Irlanda.

Outra ação digna de encêmios foi a do Técnico Moacyr Daiuto.

Ele fez intervir nos jogos, mais de 38 *fives*. Os *fives* que tiveram maior número de entradas em campo, foram:

1.º — Braz, Rui, Alfredo, Massinet e Algodão.

2.º — Rui, Pacheco, Alfredo, Massinet e Algodão.

Com eles obtivemos 131 pontos, sendo 83 conseguidos pelo primeiro e 48, pelo segundo.

O primeiro interferiu 7 vezes nos jogos e o segundo 4.

Seis outros *fixes* figuraram duas vezes durante o torneio.

Rui, Pacheco, Alfredo, Massinet e Algodão.

Rui, Pacheco, Alfredo, Alexandre e Algodão.

Rui, Massinet, Alfredo, Algodão e Vinicius.

Rui, Massinet, Alfredo, Marson e Vinicius.

Braz, Massinet, Vinicius, Alexandre e Evora.

Os demais só tiveram ocasião de se exibir uma única vez. Depois dos Estados Unidos foi o Brasil o concorrente que conseguiu o melhor saldo de pontos. Marcou 374 pró e 263 foram marcados contra êle.

Os jogadores que os obtiveram foram:

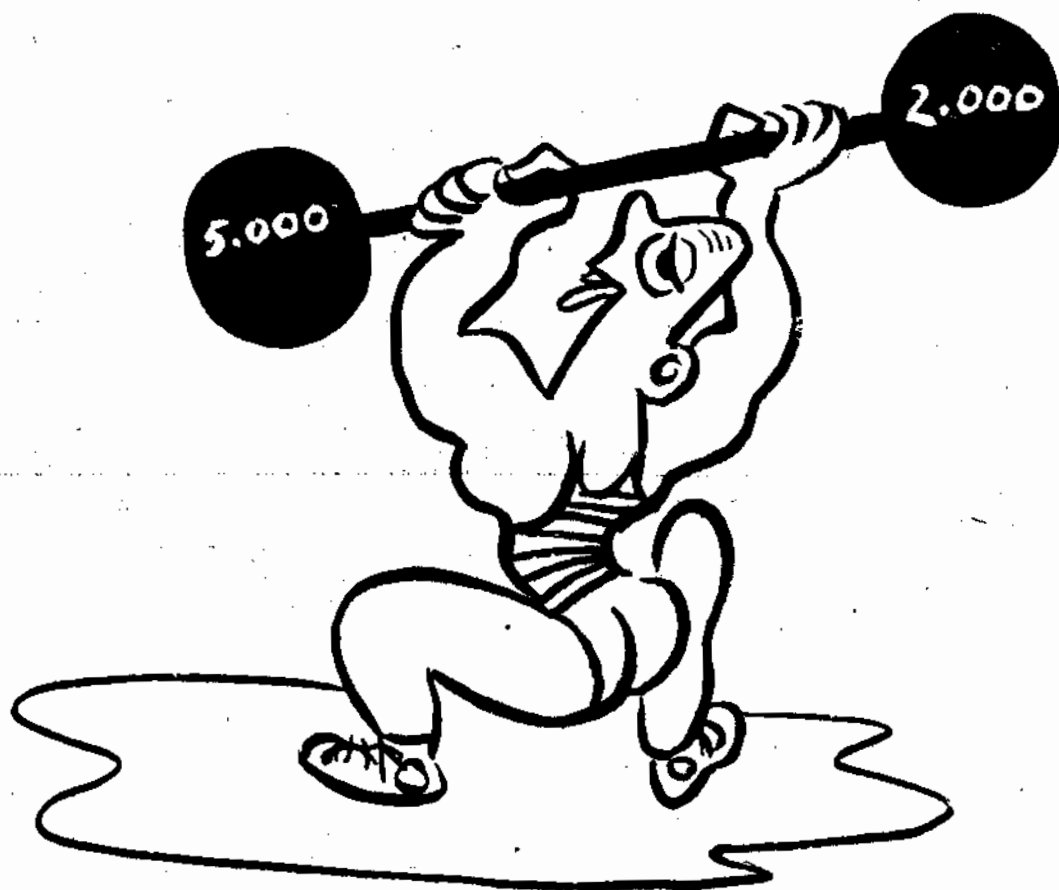
Alfredo	115 pontos
Algodão	67 "
Braz	49 "
Rui	37 "
Pacheco	36 "
Massinet	33 "
Vinicius	18 "
Alexandre	10 "
Évora	9 "

Não devo terminar sem uma palavra de advertência que possá servir para futuros certames.

Senhores dirigentes do esporte, não mandem equipe alguma para o estrangeiro sem o auxilio de médico e massagistas especializados e dedicados. . . . Se mais cedo tivéssemos podido contar com as mãos divinas e o tratamento foto e hidroterápicos do massagista, Harringay, outro teria sido o resultado Brasil-França. Para nos tratar gastávamos, de automovel, entre a nossa concentração e Harringay, mais de uma hora para ir e outra para voltar. Apesar disso, este profissional nos colocou em condições de atuar, satisfatoriamente contra os mexicanos. Dos três contundidos, apenas Pacheco não pôde atuar, mas melhorou consideravelmente.

O que lhes digo, leitor, naturalmente, nunca será ouvido pelo habilissimo massagista que tão alto serviço prestou a Delegação brasileira. Se por acaso, chegar ao seu conhecimento, mandolhe daqui um abraço bem brasileiro e muito grato pelo que lhe fijuei devendo. A êle cabe as honras da vitória que alcançamos sôbre o fortissimo conjunto do México.

Pelo que acabo de esboçar, nossos patricios devem estar satisfeitos com a sua representação de Basquetebol que, em Londres, durante os dias que mediram de 90 de julho a 13 de agosto, tudo fez para não desmerecer da divisa olímpica — CITIUS, ALTIUS, FORTIUS.



SESSÃO DE GINÁSTICA DE CHÃO

(INTENSIDADE FORTE)

DIA -
HORA -
LOCAL -
UNIFORME - O de Ginástica comum.

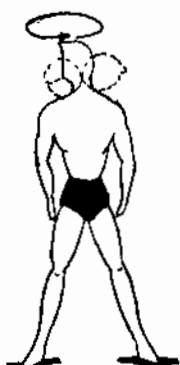
DURAÇÃO - 40 Minutos

SESSÃO PREPARATORIA

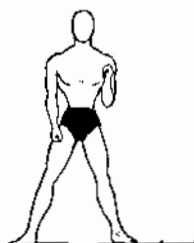
8 minutos

Ar.-Taboada simples

1 3 4 2 3 5 3
0 6 0 0 0 0 4 0 3
1 0 5 0 6 0 4 0 8 0 5 4 0 3
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0



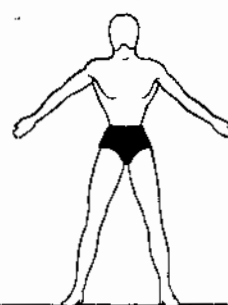
CB.-CIRCUNDAÇÃO DA CABEÇA.



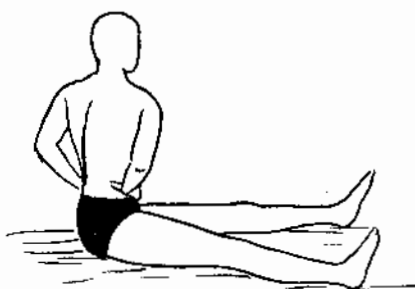
BR.-(2) AFAST. LAT.-FLEXÃO E EXTENSÃO DOS ANTE-BRAÇOS, COM ELEVÇÃO DOS BRAÇOS PARA TRAZ.



PR.-(3)-GR.AFAST.LAT.-M.N.Q.-FLEXÃO ALTERNADA DAS PERNAS



EXT.-(2)-AFAS.T.LAT.-LEVANDO AS ESPALDAS PARA TRAZ E PARA FRENTE.

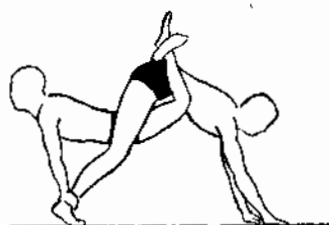


TR.-(2)-SENTADO-M.N.Q.-ROTAÇÃO DO TRONCO.

SESSÃO PROPRIAMENTE DITA

28 minutos

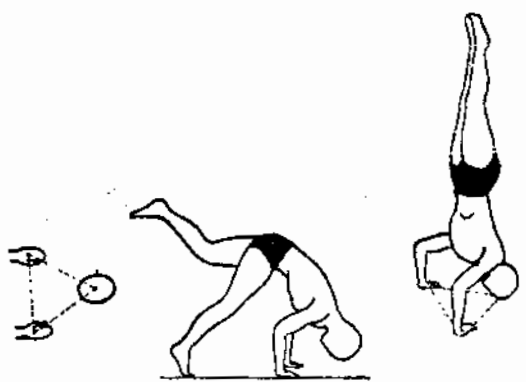
Exercícios de Flexibilidade (1)



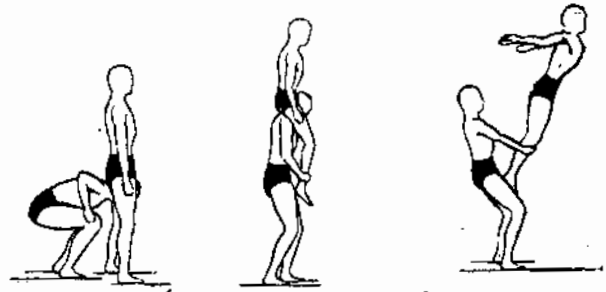
A)-MARCHA DO CAMELO (1º Processo).



B)-ROLAMENTO SIMPLES PARA A FRENTE, COM AS MÃOS NOS TORNOSZELAS

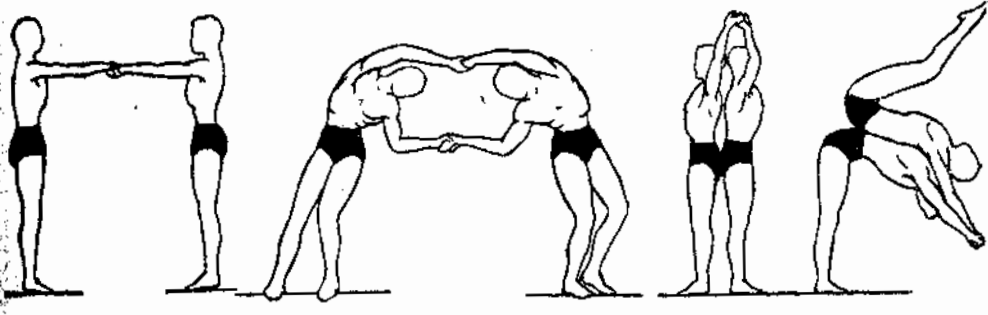


A)- PARADA COM APOIO DA CABEÇA E DAS MÃOS NO CHÃO.



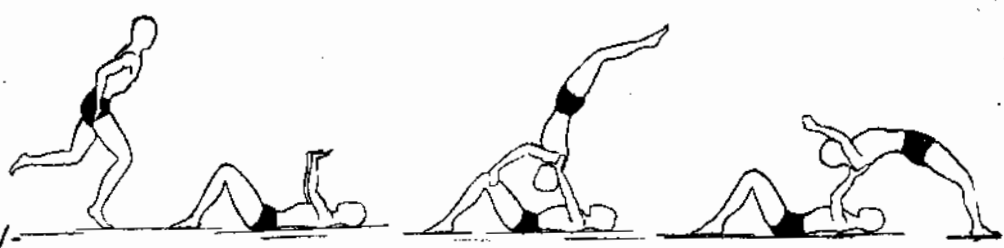
B)- EQUILÍBRIO COM APOIO DOS PÉS SOBRE AS COXAS DE UM COMPANHEIRO DE PE.

Exercícios de destreza (3)



A)- RODADA SÔBRE AS COSTAS DE UM COMPANHEIRO DE PE.

B)- SALTO PARA A FRENTE COM APOIO NAS MÃOS DE UM COMPANHEIRO DEITADO EM DECÚBITO DORSAL, PERNAS FLEXIONADAS.

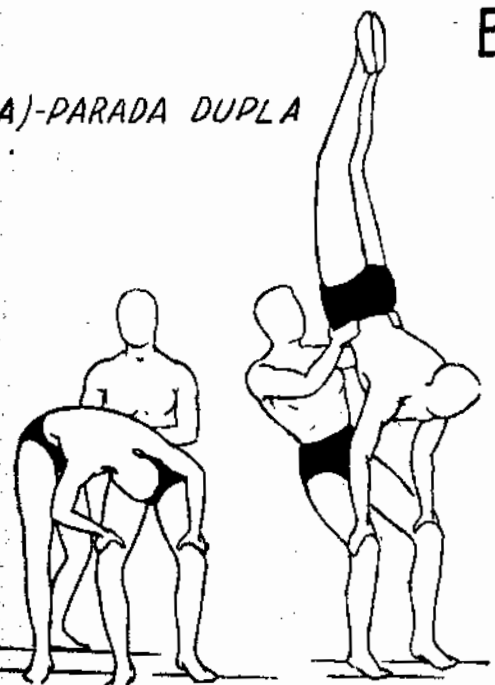


C)- SALTO DE PEIXE

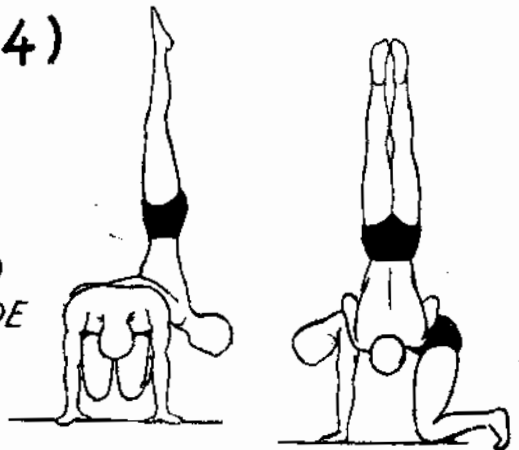


Exercícios de Força (4)

A)- PARADA DUPLA



B)- PARADA COM APOIO SOBRE O DORSO DE UM COMPANHEIRO



VOLTA Á CALMA 4 minutos

- MARCHA LENTA COM EXERCÍCIOS RESPIRATORIOS.
- MARCHA COM CANTO OU ASSOBIO.
- EXERCÍCIOS DE ORDEM UNIDA.



PRIX DES NATIONS

Tenente Coronel João Franco Pontes

O "Prix des Nations" é considerado a prova máxima do hipismo mundial. A competição olímpica difere dos concursos hípicos internacionais e apresenta dificuldades próprias; não só por suas características como também pelo fato de um cavaleiro só poder apresentar uma montada. Além disso a pista é construída no campo do estádium olímpico, local que não é próprio para um percurso hípico devido suas dimensões.

A vultosa assistência, cerca de 90.000 pessoas no estádium de Wembley, em Londres, no dispositivo circundante das arquibancadas e o fato de, pela primeira vez, cavalo e cavaleiro penetrem no recinto, trazem ao animal intensa intranquilidade e ao homem uma sensação, intraduzível, mixta de responsabilidade, satisfação e orgulho.

Características da prova — A prova é em "Barragem obrigatória" e, segundo o regulamento da Federação Equestre Internacional, deve apresentar no mínimo 14 obstáculos com um total de 16 a 20 saltos, tendo para altura mínima 1m,30 e máxima 1m,60 e para largura dos obstáculos como oxers, tríplice, etc., de 1m,50 a 2m,20, além de um obstáculo, o "Rio", ter 5 ms. O comprimento do percurso é função das dimensões do estádium, não devendo ultrapassar a 1.100 metros e a velocidade imposta é o galope de 400 ms. por minuto, que não deve ser excedida, por constituir penalidade. Em Wembley, no dia 14 de Agosto, a prova apresentou a seguinte constituição:

Obstáculos	16 ms.
Saltos	19 "
Distância	870 "

Tempo imposto: 2 minutos e 10 segundos.

Seu organizador foi o Coronel E. A. Haccius da Suíça e compunham o júri, o Duke of Beaufort, K. G., da Inglaterra, o Comandante X. Bizard, da França, o Tenente-Coronel Arnee Francke, da Suécia e, como reserva, o Sr. J. H. A. Jurgen, da Holanda.

A pista com seus obstáculos bem construídos e ótimamente distribuídos no traçado do percurso constituiu um modelo. As barreiras em altura e

largura, intercaladas a propósito, embora apresentando as máximas dificuldades eram perfeitamente transponíveis, exceção, a meu ver, do obstáculo número 3, uma cancela de 1m,60 de altura e toda pintada de branco. Pela sua colocação no percurso e o fundo em que se projetava, esta cancela, tornou-se de difícil transposição. Penso que no lugar do número 7 estaria melhor colocada.

Foi, integralmente, obedecido o Regulamento da Federação Equestre Internacional, quanto a frentes, enquadramentos, etc. Em cada obstáculo havia pregado, num dos suportes um cartão trazendo os seguintes dizeres:

- número de ordem do obstáculo no percurso;
- nome do obstáculo;
- altura;
- largura.

Um sino anunciava o início e o reinício do percurso, bem como a desclassificação do concorrente.

Quando um dos obstáculos era desarmado pelo cavalo, um auxiliar levantava uma bandeira

vermelha que indicava a interdição do mesmo; terminada a recomposição, desaparecia a bandeira e o sino repicava dando o sinal para reinício do percurso. Um terceiro cronometro, por este processo, intervinha no momento oportuno.

Nenhum auxiliar permanecia no interior da pista enquanto era executado um percurso.

O alto-falante só era utilizado, após o percurso de cada concorrente, para divulgar o tempo e o número de faltas cometidas.

Os obstáculos

Número: 1 — LOGS Altura: 1m,30

Vertical de três troncos sem casca, sendo que o mais grosso, com cerca de 0,50 m. de diâmetro, colocado no sólo e os dois restantes nos suportes. Obstáculo fácil, mas que ocasionou falta a muitos concorrentes.

Número: 2 — DOUBLE-OXER — Altura: 1m,40 — Largura: 1m,35.

Oxer com varas bem grossas e pesadas, pintadas de branco e vermelho, entre elas uma sebe de mato seco, com a altura ao nível das varas.

Obstáculo dos mais fortes em todo o percurso.

Número: 3 — GATE Altura: 1m,60

Cancela, toda pintada de branco, apresentando as dificuldades enunciadas anteriormente.

Número: 12 — ROAD-BLOCK Altura: 1m,35

Obstáculo vertical, por nós, chamado passagem de nível de estrada de ferro.

Boa frente e de fácil transposição.

Número: 13 — REVERSED OXER — Altura: 1m,55

Vara entre sebes verdes. As sebes bem altas, com a vara um pouco acima das mesmas.

Imponente pela massa das sebes.

Número: 14 — TRIPLE BARS — Altura: 1m,50 — Largura: 2m,20

Tríplice de varas grossas e pesadas, pintadas de preto e vermelho.

Obstáculo comum, que por sua largura, causou muita surpresa. Nêle caíram varios cavalos, inclusive "Nankin" da equipe francesa, o que ocasionou a fratura da clavícula de seu cavaleiro.

Número: 15 — WATER Largura: 5 ms.

Rio bem construído, de fundo claro e saltavel.

Número: 15 — WATER Largura: 5 ms,

Rio bem construído, de fundo claro e saltavel.

Número: 16 — RED WALL Altura: 1m,56

Muro pintado de vermelho, imitando tijolos. Bonito obstáculo, construído de modo a representar um muro de jardim.

R E S U M O :

N.º de obstáculos	Altura
2	1m,60
1	1m,56
1	1m,55
1	1m,50
2	1m,45
5	1m,40
2	1m,35
1	1m,30
<hr/>	
15	
1	5 ms. de largura
<hr/>	
Total:	16

Percurso perfeitamente saltável, porém, para cavalos de concurso, isto é, animais generosos, corajosos e com bastante experiência de pista.

Número: 4 — PARALLEL BARS — Altura: 1m,45 — Largura: 1m,40

Varas paralelas, grossas e pesadas pintadas de vermelho e branco e, ainda, uma vara, servindo como marcação, a uns 0m,30 do solo.

Era um dos mais fortes obstáculos da pista, porém, perfeitamente saltavel.

Número: 5 — POST & RAILS — Altura: 1m,40 — Distância: 7m,05

Duplo de rústicos, tendo antes do segundo rústico um fosso com água, em fundo escuro.

Nêste obstáculo, de aparência simples, um terço dos cavalos inscritos, foi desclassificado. Atribuo como causa o fundo escuro do fosso.

Número: 6 — TRIPLE BRUSH — Altura: 1m,40 — Largura: 2m,00

Tríplice de sebes verdes, em várias alturas, encimadas por varas.

Obstáculo saltável mas-que impressionava pela massa das sebes.

Número: 7 — SLEEPERS — Altura: 1m,45

Muro pintado de branco, coroado por blocos triangulares de madeira, pintados de preto e branco.

Não apresentava dificuldades porém fácil de ocmeter faltas.

Número 8 — STYLE & WATER — Altura: 1m,40 — Largura: 1m,50.

Obstáculo tipicamente inglês, consta da passagem de uma cerca, ante-posta por um degráu e seguida de um valo d'água, com fundo claro.

A sua principal dificuldade consistia no fundo claro do fosso. Segunda dificuldade decorria da vala estar após a cerca. Fácil de cometer faltas.

Número: 9 — GREY WALL — Altura: 1m60

Muro pintado de cinzento.

Perfeitamente saltavel, constitui um dos mais difíceis da pista.

Número: 10 — GATE PIGTROUGH-GAE —

Alturas: 1m,35, 1m,30 e 1m,35 — Distâncias: 10,5 e 7,5 ms.

Triplo constituído por: cancela, AA e cancela.

Aparentemente simples foi, porém, o causador de dois terços das desclassificações; atribuo

ao fato do fosso do AA ser de fundo escuro e ter 2 ms. e largura.

Número: 11 — WALL & YOUNG TREES —

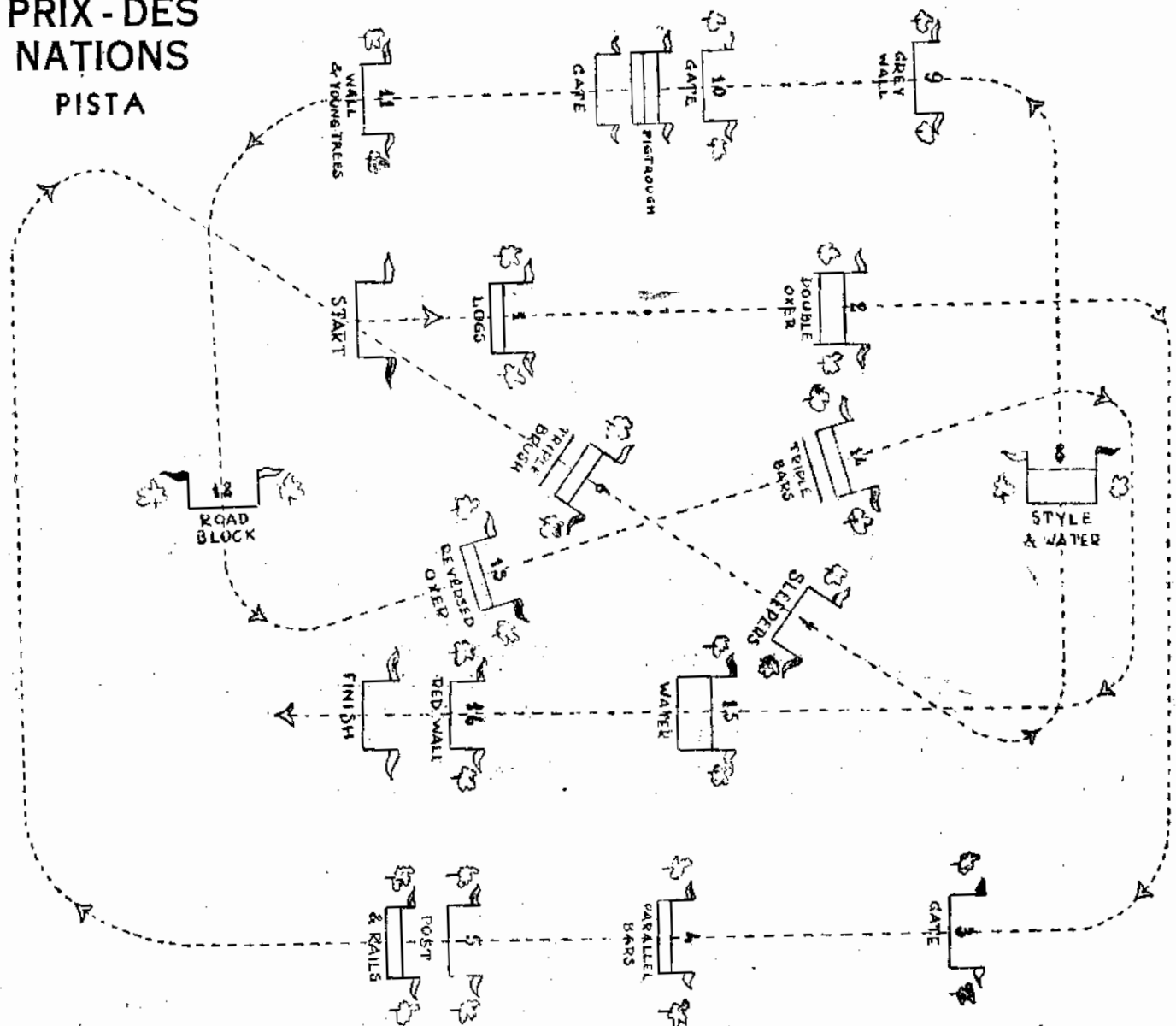
Altura: 1m,40 — Largura: 1m,05

Espécie de obstáculo de Pau, confeccionado com dois muros baixos, tendo entre eles pinheiros novos de folhagem rala, com varas pintadas de vermelho e branco, colocadas entre os ramos dos pinheiros montados por cavaleiros de "pista de energia".

Dos quarenta e quatro cavaleiros inscritos, somente, vinte e dois completaram o percurso.

Encerro esta descrição, prestando uma homenagem ao valoroso cavalo nacional, representado na Olimpíada de Londres, por estes maravilhosos "ITAGUAI" e "GUAPO", animais de nossa equipe melhores classificados, respectivamente, no "PRIX DES NATIONS" e no "MILITARY CROSS".

PRIX - DES NATIONS PISTA



PENTATLO MODERNO

Extraído do "Olimpic Story"

Quando o Comité Olímpico Sueco deliberava, em 1912, sobre o programa de provas para a V Olimpíada, pensou-se num "test" que pudesse apontar o melhor sportman dentre todos atletas do mundo.

Naquele tempo existiam, já, duas competições de cinco e dez provas, denominadas, respectivamente, pentatlo e decatlo, mas, constituídas somente de provas atléticas e apesar de serem bem disputadas, não eram suficientemente completas

atleta olímpico.

As provas do pentatlo são as seguintes:

- 1) Cross a cavalo (percurso de 5.000 metros)
- 2) Esgrima de espada (em um toque)
- 3) Tiro de revólver (20 disparos em quatro série de cinco tiros)
- 4) Natação (300 metros, estilo livre)
- 5) Cross-country (corrida a pé de 4.000 metros).



O Ten. Morrot tira a sorte para a prova de cavalo

para justificar o título de campeão que o Comité Olímpico Sueco tinha em mente.

Pensou-se, então, em alguma coisa que pudesse servir de "test" de resistência, resolução, intrepidez, presença de espírito, agilidade e força.

Disto resultou a prova hoje conhecida como Pentatlo Moderno, e que representa, atualmente, a mais árdua prova a que se pode submeter um

Não é difícil imaginar o quanto requir de aptidão, destreza e de coragem uma competição com estas provas.

O Pentatlo Moderno, de início, sofreu uma série de críticas; diziam ser uma prova que interessava somente a soldados e, em consequência, a sua prática dependeria do apoio das instituições militares; e mais: as artes da guerra eram glori-

ficadas, enquanto que a finalidade dos jogos olímpicos era o congratamento dos povos e, desde que os soldados profissionais tomassem parte no Pentatlo, estavam infringindo o estatuto de amadores, que é rigorosamente imposto a todos os outros concorrentes às Olimpíadas.

Seja como for, o Pentatleta ensaiou seus primeiros passos em Stockholmo e o Pentatlo Moderno, desde aquela época, constitue um item indispensável nos programas olímpicos.

Ele é um ótimo treinamento para o combatente e, por isso mesmo, inegavelmente, os militares têm sido seus vencedores em tôdas as olimpíadas.

Um jovem oficial deve ter resistência para tôdas as especies de dificuldades, e o melhor treinamento para isto é a corrida de cross-country. O soldado, além de nadar e ser capaz de percorrer a cavalo um terreno variado e cheio de obstáculos, deve ser, finalmente, um bom atirador de pistola.

A baioneta é realmente a arma individual do soldado, e posto que usada nas competições militares, ela não faz parte, entretanto, das provas olímpicas.



O vencedor, à esquerda comprime o concorrente espanhol

A espada é, pois, a arma usada na prova de esgrima.

Dizem alguns que, talvez, o sabre seria melhor, mas aquela tem sido a preferida, porque dá

às competições um caráter mais convincente de perícia e agilidade, uma vez que o toque de espada é tão rápido que chega mesmo a enganar o próprio juiz. E, em consequência disto, o resultado da esgrima está sempre sujeito a reclamações, acarretando, por esta razão, o invento de um aparelho elétrico para registrar os toques.



A equipe brasileira

Para a determinação do vencedor, somam-se os pontos obtidos pelas colocações dos competidores em cada uma das provas, sendo vencedor do Pentatlo aquele que obtiver menor número de pontos.

Ora, vê-se que o cross a cavalo e a corrida a pé (cross-country) podem variar com as condições locais, mas, por outro lado, as circunstâncias são as mesmas para todos, e tomar-se-á, certamente, cuidado para que os concorrentes do país onde se realizam os jogos, não levem vantagem sobre os demais competidores.

Aos disputantes não é permitido praticar nas pistas das provas: para o cross a cavalo, os competidores não devem saber nem mesmo os animais que vão montar, o que vem constituir um verdadeiro "test" para os cavaleiros.

Os sucoos merecem, sem dúvida, felicitações por ter escolhido, com tanta habilidade, as provas que constituem, hoje, o Pentatlo Moderno.

Acontece, porém, que os suecos, nas modernas olimpíadas, têm sido vencedores de todos os Pentatlos, desde a sua instituição até 1936, quando um alemão se classificou em primeiro lugar.

Com a notícia da primeira vitória alcançada pelos suecos, os críticos, logo, apontaram o conhecimento do local como uma grande vantagem, mas não puderam explicar o fato de eles continuarem vencendo na França, Holanda, Bélgica e Estados Unidos. Suas vitórias poderiam ter explicações mais convincentes com o fato de ser o Pentatlo uma parte do treinamento dos cadetes do Exército, e por eles efetuarem competições regulares com outros países.

A Inglaterra tem encorajado seu Exército para tomar parte nos Pentatlos Modernos, e nas duas primeiras vezes a equipe era apenas constituída de soldados. O "War-Office", em 1923, ordenou a criação de uma Associação do Pentatlo Moderno, e, no ano seguinte, organizou um campeonato e construiu uma bela pista de treinamento, em Aldershot.

Assim mesmo, como se viu, nunca chegaram a fazer boa figura nessas provas.

Em Stockholmo, oito países fizeram representar-se, comparecendo vinte e sete competidores. Não existindo classificação por equipe, havia, porém, o habito de comparar os resultados de modo idêntico ao que se fazia para os resultados individuais. Em 1912, os russos pela última vez compareceram aos Jogos Olímpicos, mas não puderam fazer boa figura nem mesmo perante os civis ingleses, embora alguém pensasse que os mesmos gostassem de tal prova.

Os suecos obtiveram as quatro primeiras colocações, apesar do vencedor — Lindehook — não conseguir o primeiro lugar em uma única prova. Ele foi terceiro no Tiro, decimo na Natação, quinto na Esgrima, quarto na Equitação e quinto na Corrida. Outro sueco, colocado em terceiro lugar, foi o primeiro na Esgrima e na Equitação. A outra prova, Natação, ficou com o inglês Godfree, o que motivou grande alegria para os seus compatriotas. Mas, é bom notar, que apenas mais uma vitória inglesa havia de aparecer no desenrolar das provas.

Em 1924, em Paris, onze nações concorreram ao Pentatlo Moderno, e novamente os suecos saíram vitoriosos. Eles foram primeiro, segundo, terceiro, e decimo colocados na apuração final, e o ganhador individual — Lindmann — teve uma magnífica performance: primeiro em Natação e Corrida; terceiro em Esgrima; quarto em Equitação e nono em Tiro.

Um outro sueco, ganhando a Esgrima, demonstrou a disposição leonina com que eles enfrentavam essa espécie de prova. Um dinamar-

quês ganhou o Tiro e um finlandês, a Equitação, fazendo o mmaior da Royal Hussards uma ótima exibição na Esgrima e Equitação, não sendo suficiente, porém, para que a bandeira inglesa fosse hasteada no mastro da vitória.

A popularidade do Pentatlo foi crescendo progressivamente e numerosas competições continentais foram disputadas. As provas são usualmente levadas a efeito em cinco dias e requerem organização e grandes despesas, dependendo, assim, de circunstâncias favoráveis ao seu desenrolar.

Os alemães foram os primeiros a fazer frente aos suecos, e com o progresso ininterrupto, acredita-se que eles possam arrebatam alguns dos magníficos recordes alcançados pelos filhos da Suécia.

Em 1928, 14 nações se encontraram em Amsterdam, comparecendo 37 competidores, e, ainda assim, a série de vitórias suecas continuou. Eles foram primeiro, segundo e quarto colocados, mas os alemães deles muito se aproximaram com um terceiro, quinto e oitavo lugares. A Inglaterra foi a sexta colocada, e nesta ocasião havia um civil na equipe, tendo também os alemães um policia. Foi nesse tempo que surgiram as discussões a respeito da classificação das equipes e do uso do sabre.

Novamente o vencedor do Pentatlo não obtém nenhuma primeira colocação nas provas; ele foi vigésimo primeiro na Corrida e decimo quarto em Equitação, mas suas performances, como segundo em Natação, sexto em Tiro e quarto em Esgrima, levaram Trofelt à vitória, seguido, porém, muito de perto por seu patricio Lindmann, que já havia ganho anteriormente esta prova, em Paris.

Os alemães levantaram a prova de Tiro; os italianos, a Natação; os dinamarquês, a Esgrima; os polonês, a Corrida e os suecos, a prova de Equitação.

Los Angeles, em 1932, assistiu outro magnífico esforço por parte de Lindmann, que novamente se colocou em segundo lugar, e nesta ocasião, como pequena variação, foi ainda um oficial da marinha sueca, Oxenstienner, que ganhou o Pentatlo. E, ainda desta vez, o vencedor não se

colocou em primeiro lugar em nenhuma prova, pois que ele foi quarto na Equitação, decimo quarto em Esgrima, segundo em Tiro e Natação e sétimo em Corrida. Lindmann foi o vencedor da Equitação e um outro sueco, da Esgrima; um americano, Mayo, levantou a prova de Tiro; outro sueco venceu a Natação, enquanto que a Inglaterra obtinha seu segundo triunfo: Legard foi o primeiro em Corrida, seguido de perto por seu patrio MacDougall.

Os jogos de Berlim, em 1936, atraíram muitos concorrentes ao Pentatlo Moderno, comparecendo quarenta e sete competidores de dezesseis nações. O alemão Handrick saiu vitorioso de maneira decisiva, pois se colocou em segundo na Equitação, quarto em Esgrima e Tiro, nono em Natação e decimo quarto em Corrida, na qual Legard foi quarto. Nas colocações por equipe os Estados Unidos foram primeiro, Alemanha segundo e a Suécia terceiro.

E, finalmente, nas Olimpíadas de Londres, mais uma vez a Suécia se impôs, não só individualmente (tendo Grut vencido a prova assinalando o recorde de dezesseis pontos perdidos apenas)

como por equipe. As colocações do Capitão Grut foram excelentes, pois dentre quarenta e quatro competidores venceu a prova de Cross a cavalo, de Esgrima e de Natação, tendo se colocado no Tiro em sexto, e na Corrida, em sétimo.

A prova do Tiro foi vencida por um suíço, e a da Corrida por um sueco.

Por equipe, seguiram-se à Suécia, Finlândia em segundo e os Estados Unidos em terceiro; a Inglaterra ficou em nono e o Brasil em decimo primenro.

Desta análise conclue-se que os suecos, com exceção de 1936, sempre cingiram à testa os louros da vitória do Pentatlo Moderno, devendo isso a seu preparo na prova que começa na sua academia militar.

Aqui entre nós, o DDE, em bôa hora, incluiu no seu Codigo Desportivo a prova do Pentatlo Militar para ser disputada na Escola Militar, entre cadetes. Está pois lançada entre nós a chave das vitórias suecas. Com esta chave poderemos abrir o celeiro de onde emergirão os oficiais brasileiros que num futuro próximo hão de fazer frente aos valorosos conterrâneos de Grut.

I - SUGESTÕES PARA SELECIONAR UMA EQUIPE DE PENTATLO

*Cap. Ruy Pinto Duarte,
concorrente nas Olimpíadas de Berlim
e instrutor da E. E. F. E.*

Afim de evitar dúvidas quanto a pentatletas que se classificam para uma equipe sem possibilidades numa representação, como aconteceu para as Olimpíadas de Londres, por terem se aproveitado de uma chance do momento, provocada por vários fatores, tais como: ter sido sorteado com um bom cavalo; conseguir por sorte algumas vitórias na esgrima; ter acertado casualmente os 20 tiros; principalmente nestas três provas, que apesar da grande necessidade de treinamento, são provas, que apesar da grande necessidade de treinamento, são provas em que o fator chance é muito grande, por isto sugiro, por experiência própria e por várias observações, o seguinte: — seis meses antes da realização do Pentatlo ou do embarque, uma eliminatória completa, isto é, das cinco provas, para selecionar os seis melnores, si houver mais de seis concorrentes; 50 dias depois da pri-

meira eliminatória, far-se-á uma outra eliminatória somente das três primeiras provas, para apuração das performances e 70 dias depois da segunda, uma outra eliminatória completa para apuração dos componentes da equipe de 4 (quatro), que pode ser feita pela classificação, isto é, os quatro primeiros ou pela media das três eliminatórias; os dias restantes, para aperfeiçoamento da equipe.

Vejamos os motivos: — Nas provas de natação e atletismo (corrida a pé), o pentatleta que estiver treinado obtém um resultado de acordo com o estado de treinamento e sempre com tendência para melhorar; na prova de hipismo, que depende muito do cavalo, que pode ser bom ou mau; na prova de esgrima, o azar de uma ponta mal dirigida, impossibilitando-o de uma recuperação por ser um só toque; no tiro, o estado de saúde e de nervos no momento, provocando a perda de um ou mais tiros, etc., motivos porque, sugiro uma eliminatória especial das três primeiras provas.

JOGOS OLIMPICOS - LONDRES

RESULTADOS (1948)

ATLETISMO (Homens)

10.000

100 metros rasos.

Nos 100 metros rasos saiu vencedor o atleta norte-americano, Harrison Dillard, com o tempo de 10,3 segundos, igualando o "recorde" Olimpico estabelecido por Eddie Tolan (U.S.A.) em 1932. Com esse sucesso Dillard redimiu-se da derrota na prova de sua especialidade, no que era considerado ponto alto.

O segundo lugar coube a Barney Ewell (U.S.A.), o qual chegou tão proximo do primeiro que foi preciso uma conferência dos juizes para a decisão. Em terceiro lugar chegou Lloyd La Beach (Panamá).

Mel Patton considerado o favorito dessa prova, decepcionou, classificando-se em quinto lugar.

200 metros rasos:

A prova de 200 metros rasos foi vencida por Patton (U.S.A.) com o tempo de 21"1/10. Em segundo chegou Ewell (U.S.A.); em terceiro chegou Lloyd La Beach (Panamá); em quarto Mc Kenley (Jamaica); em quinto, Cliff Bourland (U.S.A.) e em sexto chegou L. Laing (Jamaica).

400 metros rasos:

1. Arthur Wint (Jamaica) com o tempo de 46"2/10.
2. Herb M. Kenley (Jamaica) com 46" 4/10.
3. Mel Whitfield (U.S.A.) com 46" 9/10.
4. Dave Bolen (U.S.A.)
5. Morris Curotta (Australia).
6. George Guida (U.S.A.).

800 metros

Mel Whitfield (U.S.A.) venceu a prova de 800 metros rasos no tempo record (Olimpico) de 1'49" 2/10. O record anterior era de um minuto e 49,8 segundos e foi estabelecido por Tom Hampoln (Inglaterra), em Los Angeles, em 1932.

Colocou-se em segundo, nessa prova, Arthur Wint (Jamaica), com o tempo de 1'49" e 5/10. Tendo chegado em terceiro o francês Hansenne com 1'49" e 8/10 igualando o record Olimpico anterior; em quarto chegou Herb Barten (U.S.A.) com 1'50" e 5/10. E os de mais colocados foram respectivamente Ingva Benntson (Suécia) e Bop Chamberg (U.S.A.).

1.500 metros:

A prova de 1.500 metros foi vencida por Henry Erikson, da Suécia, com o tempo de 3'49" e 8/10. Em segundo lugar chegou Lennart Strand também suéco, com o tempo de 3'50" e 3/10. Em terceiro W. F. Slijkhuys, holandês, em 3'50" e 4/10. Quarto V. Cevona (Tchecoslovaquia). Quinto Goete Gekvist (Suécia). E em sexto lugar G. W. Nankeville (Inglaterra).

3000 metros:

Thore Sjostrand (Suécia) com o tempo de 9'4" e 6/10 venceu a prova dos 3000 metros; em segundo lugar chegou Erik Elmsaetter (Suécia) em 9'8" e 2/10; 3.º Goete Haghtroem (Suécia) com 9'11" e 8/10; 4.º A. Guido (França); 5.º P. V. Sitaloppi (Finlandia) e em 6.º lugar, P. S. Egedin (Iugoslavia).

O belga, Gaston Reiff, venceu a prova de 5000 metros em 14'17" e 6/10 e com escassa diferença sobre o segundo colocado que foi o tchecosloveno Zattopek, depositário de grande esperanças, o qual marcou o tempo de 14'17" e 8/10.

O grande herói dos jogos parece ter sido Emil Zattopek, o mais forte, o mais ousado e o mais estranho dos corredores de fundo já vistos. Zattopek venceu a



Atleta holandesa Fanny Koen — uma das grandes revelações nas Olimpíadas

corrida de 10.000 metros em 29' 39" e 6/10, batendo o recorde Olimpico.

Desde a primeira etapa, Zattopek aparentava estar em dificuldades intimas, dando com a cabeça e sacudindo os ombros. A medida que a corrida progredia, sua face se contorcia, sua cabeça pendia para trás e tudo indicava que o tcheco iria cair para frente, mas em vés de cair, desandou a correr como nunca. O maior desejo de Zattopek é bater o recorde mundial pertencente ao finlandês, Viljo Leino (29'35" e 4/10).

10.000 metros — marcha.

O Suéco, Mikaelsson, venceu a prova dos 10.000 metros, marcha, no tempo recorde de 45'03". Os demais colocados foram, na ordem: C. J. Morris (Inglaterra); E. Maggi (França); G. Dordoni (Itália); e Johnson (Suécia). Cabe notar que os quatro primeiro colocados ultrapassaram o recorde Olimpico anterior.

Nos 32.000 metros (Maratona) sagrou-se campeão o Argentino, Delfo Cabrera, com 34'51" e 6/10, batendo recorde Olimpico.

Os atletas norte-americanos conquistaram os três primeiros lugares nos 110 metros, com barreiras, sendo que o primeiro colocado, Bill Porter, estabeleceu novo recorde Olímpico, com o tempo de 13",9. O recorde anterior era de 14",1 e foi estabelecido por Forrest em 1936.

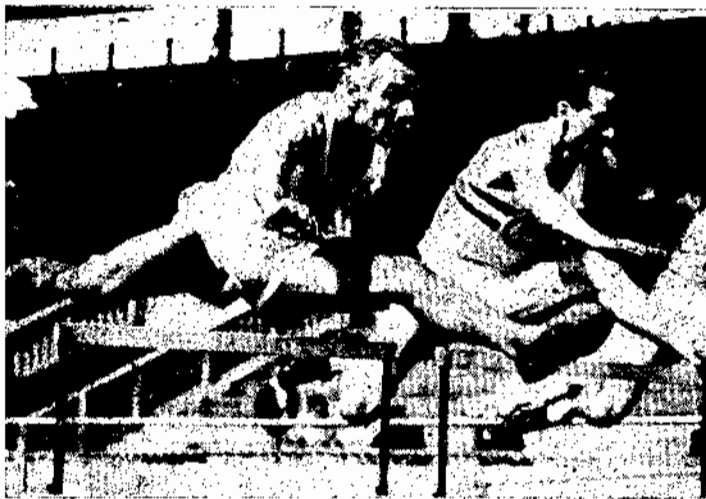
O segundo colocado nessa prova foi Scot (U.S.A.), com o tempo de 14",1; o terceiro lugar coube ao americano Dix; e ao argentino, Triulzi, o quarto.

400 metros - barreiras.

Na prova de 400 metros com barreiras sagrou-se campeão o norte-americano, Roy Cochran, com o tempo de 51",1, estabelecendo novo recorde Olímpico. O anterior era de 51",9, o qual havia sido estabelecido nas semifinais pelo próprio Cochran e pelo sueco Larshen. Os demais colocados foram: White, com o tempo de 51",8 (Ceilão) em 2.º; Larshen com 52",2 (Suécia), em 3.º; Dick Ault, (U.S.A.), com 52",4 em 4.º; e em 5.º Yves Cros (França), com 53",3.

O antigo record Olímpico era de 52",0 e havia sido estabelecido por Glenn Hardim (U.S.A., em Los Angeles, em 1932.

3.000 metros com obstaculos.



O veterano inglês -- Finlay "no primeiro plano"

A prova de 3.000 metros com obstaculos foi vencida pelo Atleta, Thure S. Jostrand (Suécia), com o tempo de 9' 6/10.

A equipe dos Estados Unidos sagrou-se campeã na prova de revezamento 4 x 100 metros com o tempo de 41",3; O 2.º lugar coube aos Atletas da Gran-Brelanha, com 41",3; a Itália em 3.º lugar, com 41",5; a Hungria em 4.º lugar com 41",6 e o Canadá com 41",9 em 6.º lugar.

Revezamento 4 x 100.

A prova de 4 x 400 metros (revezamento) teve o seguinte resultado: 1.º lugar Estados Unidos, com 3' 4/10. A equipe Norte Americana teve a seguinte constituição Roy Cochran, Cliff Bourland, Arthur Harnden e Mel Whitfield); 2.º França; 3.º Suécia; 4.º Finlândia.

ARREMESSOS

Pêso.

Wilbur Thompson (U.S.A.) venceu a prova de arremesso do pêso, atingindo a marca de 17,12 metros. Francis Delaney (U.S.A.) classificou-se em segundo lugar, com 16,68 metros e James Funchs (U.S.A.) em terceiro, com 16,42 metros. Os três primeiros colocados superaram o antigo recorde Olímpico que era de 16,20, em Berlim, em 1936.

Adolfo Consolini (Itália) venceu o lançamento do disco, com a marca de 52,71 metros, estabelecendo novo recorde Olímpico.

O segundo lugar coube a Giuseppe Tosi (Itália) com a marca de 51,78 metros e o terceiro lugar coube a Fortune Gordien (U.S.A.), com 50,48 metros.

Todos os três primeiros colocados superaram o antigo recorde Olímpico, estabelecido em Berlim, em 1936, pelo norte-americano Ken Carpenter, com 50,48 metros.

As outras colocações no arremesso do disco foram as seguintes: 4.º lugar, Ramstad (Noruega) com 49,21 metros; 5.º lugar, Clich, da Hungria, com 48,21 metros; e em 6.º lugar Nyqvist (Finlândia), com 47,33 metros.

O lançamento do dardo foi vencido pelo finlandês, Kaj Kautavara com a marca de 69,77 metros.

Martelo.

O arremesso do martelo teve os seguintes resultados: 1.º lugar Nemeth (Hungria) com a marca de 56,07 metros; em segundo Gubjan (Yugoslavia) com 54,27 metros; 3.º Robert Bennet com 53,73 metros; em quarto Samuel Felton com 53,66 metros; e em 5.º lugar Leo Tamminen (Finlândia) com 53,03 metros.

SALTOS

Distância.

A prova de salto em distância teve como vencedor o atleta norte-americano William Steelt, com a marca de 7,825 metros. Em segundo lugar vem o Australiano, T. Bruce com 7,555 metros; em terceiro Herb Douglas (U.S.A.) com a marca de 7,545 metros; em quarto Lorenzo Wright (U.S.A.); e em quinto lugar A. F. Adenoyin (Inglaterra).

Tripto.

O salto triplo foi vencido pelo sueco, Ahman, com 15,40 metros; em segundo lugar vem o australiano, Avery, com 15,365 metros; em terceiro Sarfalp, da Turquia, com 15,025 metros e em quarto, Larshen (Dinamarca) com 14,83 metros.

O atleta nacional, Geraldo de Oliveira se colocou em quinto lugar com 14,825 metros, marca muito inferior às que tem feito no Brasil, pois, uma de suas ultimas marcas em treinos foi de 15,41 metros.

Altura.

O salto em altura vencido pelo australiano, John Winter, com a marca de 1,98 metros.

Vara.

Owen Guinn (U.S.A.), venceu a prova de salto com vara na altura de 4,30 ms.



Uma chegada dura de Pereira da Silva

As outras colocações foram as seguintes: em segundo lugar Erki Kataja, da Finlândia, com 4,20 metros; em terceiro Roberts, (U.S.A.), 4,20 metros; em quarto lugar vem o Norueguês, Erling Kas, com 4,10 metros; e em quinto Ragnar Lundberg (Suécia) com 4,10 metros.

Decatlo.

Robert Mathias, dos Estados Unidos, com apenas 19 anos de idade, venceu o decatlo, com um total de 7.139 pontos.

Colocou-se em segundo lugar, o francês Ignace Heilich com 6.974 pontos, seguido do norte-americano Eloyd Simmons, com 6.950 pontos.

O Argentino, Kistenmacher, conseguiu o quarto lugar, com 6.929 pontos.

Atletismo (Damas)

CORRIDAS

100 metros — rasos.

Fanny Blankers Koen, da Holanda, venceu os 100 metros rasos em 11",9. Colocou-se em segundo lugar D. G. Manley da Inglaterra; em terceiro S. Strickland, da Austrália, e em quarto S. Myers, do Canadá.

200 metros — rasos.

A atleta Holandesa, Fanny Blankers, conseguiu também levar a melhor na prova de 200 metros rasos. Bem assim, na prova de 80 com barreiras, onde conseguiu o tempo recorde de 11",2 (recorde Olímpico e mundial). O recorde mundial anterior era de 11,3, estabelecido por C. Testono (Itália), em 1939, e igualado por Blankers em Amsterdam, Holanda, em 1942.

Revezamento — 4 x 100.

O revezamento de 4 x 100 foi vencido pela equipe holandesa no tempo, recorde Olímpico e mundial, de 11",2.

ARREMESSOS

Pêso.

Foram os seguintes os resultados da prova de lançamento de pêso: em primeiro lugar M. Q. Ostermeyer (França), 13,75 metros; em segundo A. Piccinini (Itália) 13,095 metros; e em terceiro P. Cchaefler (Austria).

Dardo .

O lançamento de dardo foi vencido por H. Faune, da Austria, com 47,57 metros, batendo o recorde Olímpico; colocando-se em segundo K. V. Parviatnen (Finlândia), com 43,79 metros; e em terceiro colocou-se a dinamarquesa L. M. L. Carsted.

Disco.

O arremesso do disco foi vencido, com o recorde Olímpico de 53,75 metros, por Micheline Ostermeyer (França).

SALTOS

Distância.

A atleta húngara, V. O. Gyarmati, venceu a prova do salto em distância, com 5,695 metros. Em segundo colocou-se a argentina, Simonetto de Portella com 5,60;; e em terceiro A. B. Leyman, da Suécia, com 5,575 metros.

Altura.

O salto em altura foi vencido por Alice Coachman, com 1,58 (recorde Olímpico).

NATAÇÃO E SALTOS ORNAMENTAIS (Homens)

100 metros — Livre.

Wally Ris, dos Estados Unidos, venceu a prova de 100 metros, nado livre, batendo o recorde Olímpico, com o tempo de 57",3, o qual foi estabelecido pelo japonês M. Taruchi em 1936 (57",5) e superando o mundial de Alan Ford (57",4) estabelecido, este ano, nos Estados Unidos.

200 metros — peito.

Joe Verdeur (U.S.A.) venceu a prova de 200 metros, nado de peito, com o tempo de 2'39",3 superando o seu próprio recorde, de 2'40", estabelecido na preliminar, e o anterior recorde Olímpico, de 2'42,5 do japonês T. Hemuro, em Berlim, em 1936.

Os demais colocados, foram os seguintes: Keith Carter (U.S.A.), com 2'40",2 em segundo; Roberto Sohl (U.S.A.) com 2'43",9 em terceiro; John Davies (Australia) com 2'43",7 em quarto; e em quinto lugar chegou o Iugoslavo, T. Cerer, com 2'46",1.

400 metros — Livre.

Os 400 metros, nado livre, foi vencido por Bill Smith (U.S.A.) com 4'41" (recorde olímpico).

1.500 metros — livre.

James Mc Lane (U.S.A.) venceu os 1.500 metros, nado livre, com o tempo de 19'18",5.

100 metros — costa.

Alan Stack (U.S.A.) venceu os 100 metros, nado de costas, com o tempo de 1'06",4; Os demais colocados são os seguintes: segundo Bob Cowell, (U.S.A.) com o tempo de 1'06",5; terceiro Georges Valery (França) com 1'07",8; e em quarto Mario Chaves, da Argentina, com 1'09".



4 x 200 metros.

A equipe dos Estados Unidos sagrou-se campeã dos 4 x 200, nado livre, com o tempo recorde mundial e olímpico de 8'46". O recorde olímpico anterior era de 8'51",5, estabelecido pelos japoneses em 1936, em Berlim.

A equipe da Hungria vem em segundo lugar nessa prova, conseguido também, no tempo de 8'48",4, superar o recorde olímpico.

Em terceiro lugar colocou-se a equipe da França e em quarto a da Suécia. A equipe norte-americana era

assim constituída: Wallys Ris, Wallace Wolf, Jimmy Mc Lane e Bill Smith.

Salto de trampolim.

Nos saltos de trampolim o resultado foi o seguinte: 1.º lugar — Bruce Harlan, (U.S.A.), com 163,64 pontos; 2.º — Miller Anderson (U.S.A.) com 157,29 pontos; 3.º — Samuel Lee (U.S.A.) com 145,52 pontos; 4.º — J. Capilla "Mike" (Mexico) com 141,79 pontos.

Salto ornamentais.

Sammy Lee, descendente de coreanos, venceu a prova de saltos ornamentais de plataforma, com 130,05 pontos. O segundo colocado foi outro americano, Bruce Harlan, com 122,30 pontos; em terceiro colocou-se o mexicano, Perez, de 19 ans, com 113,52 pontos.

NATAÇÃO E SALTOS ORNAMENTAIS (Damas)

100 metros -- livre.

Greta Andersen, da Dinamarca, venceu os 100 metros, nado livre, no tempo de 66"3. O segundo lugar coube a norte-americana, Ann Curtiss, no tempo de 66"5; em terceiro chegou Marie Vaeshen (Holanda) com o tempo de 67"9; e em 4.º lugar a Dinamarquesa, Karen, com 68,1.

400 metros -- livre.

Os 400 metros, nado livre, teve o seguinte resultado: 1.º lugar; Ann Curtiss (U.S.A.) com 5'17"8; 2.º lugar - Karen Harup (Dinamarca) com 5'21"1; 3.º — Gibson, (Grã-Bretanha) com 5'22"5; 5.º — Fernanda Caroen (Belgica) com 5'25"3; em 5.º a norte-americana, Brenda, com 5'26"; e em 6.º a brasileira Piedade Coutinho, com 5'29".

200 metros -- peito.

Nos 200 metros, nado de peito, Nelvan Vliet (Holanda) venceu no tempo de 1'14"2 (recorde olimpico).

100 metros -- costas.

Resultado da prova de 100 metros, nado de costas foi o seguinte: em 1.º lugar — Karen Harup (Dinamarca) com o tempo recorde de 1'14", já o tendo batido nas semi-finais por duas vezes. O tempo recorde olimpico anterior pertencia a Dina Seuff (Holanda) estabelecido em 1936, em Berlim e era de 1'16"6.

A segunda colocada na mesma prova foi Suzanne Zimmerman que também superou o recorde, com o tempo de 1'16".

4 x 100 metros

Marie Corridon, Thelma Kalama, Brenda Helser e Ann Curtiss que constituíram a equipe norte americana de 4 x 100 estabeleceram, com o tempo de 4'29" 2/10, um novo record olimpico. Em 2.º lugar chegou a equipe da Dinamarca constituída das seguinte nadadoras: Eva Riisi, Karen Harup, Greta Andersen e Fritze Cavsteinsein, com o tempo de 4'29" 9/10. Em 3.º lugar chegou a



Dillard -- tendo a sua esquerda o corredor brasileiro Zanovis

equipe da Holanda no tempo de 4'31"6/10, também superior ao recorde olimpico. Em 4.º lugar chegou a equipe da Inglaterra com 4'34"7/10. Em 5.º lugar a equipe da Hungria e em 6.º lugar a equipe Brasileira.

Convem notar que as 4 equipes primeiras colocadas conseguiram superar o recorde olimpico anterior.

Resultados das provas de salto de plataforma: pontos;

1.º) — Vitoria Manalo Draves (U.S.A.) com 68,87

2.º) — Patricia Auneizener (U.S.A.) com 68,28

pontos;

3.º) — Bert Christoffersen (Dinamarca) com 66,04

pontos;

4.º) — Standinger (Austria) com 64,59 pontos;

5.º) — Juno Stover (U.S.A.) com 62,63 pontos;

Resultados do salto de trampolim:

1.º) — Vitoria Manalo Draves (U.S.A.) com 108,74 pontos;

2.º) — Zoe Ann Olsen (U.S.A.) com 108,23 pontos;

3.º) — Pat Elsener (U.S.A.) com 101,30 pontos;

4.º) — Nicole Pellissar (França) com 100,38 pontos;

5.º) — Gudrum Goemer (Austria) com 93,30 pontos.

Levantamento de Pêso.

As provas de levantamento de peso tiveram os seguintes resultados:

Pêso pesado: — O americano Davies, conseguiu levantar 500 quilos (Record Olimpico e Mundial.

Pêso meio pesado: — Stan Stanoczyk dos Estados Unidos, estabeleceu o record Olimpico levantando 460 quilos.

Pêso médio: — Frank Spelmarr (U.S.A.) estabeleceu também o recorde olimpico levantando 429 quilos.



Campeã inglesa de salto em altura

Pêso leve: — I. Shams (Egito) levantou 396,500 Kgrs (recorde olímpico).

Pêso pena: — J. Fayad (Egito) levantou 332,500 Kgrs (recorde olímpico e mundial);

Pêso galo: — Joe de Prieto (U.S.A.) levantou 307,500 Kgrs.

PENTATLO MODERNO

Com exceção das Olimpíadas de 1936, em Berlim, mais uma vez os suecos, representados pelo Capitão W. O. Grut e pelo Ten G. Gardin, conseguiram vencer, em excepcionais condições, o Pentatlo Moderno, pois o primeiro levou a melhor nas provas de Cross a cavalo, Esgrima e Natação, tendo perdido apenas 16 pontos e o último atuou udestacadamente nas provas de tiro e Cross a pé.

último atuou udestacadamente nas provas de tiro e Cross Moore, com 47 pontos; 3.º lugar — Ten. G. Gardin (Suécia) com 49 pontos; 4.º — Ten. L. T. Vikko (Finlandia), com 64 pontos; 5.º — Major N. O. Larkas (Finlandia), com 71 pontos; 6.º — en, Bruno Riem (Suíça). Os pentatlétas brasileiros conseguiram as seguintes colocações: 30.º lugar — Ten. Acélio Morrot Coelho, com 125 pontos; 38.º — Cap. Aluysio Borges, com 146 e o Cap. Hamilton Berford em 43.º lugar — com 205 pontos perdidos.

O Tenente Acélio Morrot Coelho, na prova de esgrima, conseguiu empatar com o pentatléta sueco, Grut, obtendo vinte e oito vitórias sobre os demais concorrentes.



Três campeões norte-americanos tendo a esquerda Sammy Lee, o filho de coreanos

ESGRIMA

Florete individual (Homens) — Venceu Jean Bhan (França).

Florete, equipe (Homens) — Venceram os franceses.

Florete, individual (Damas) — Venceu I. Elek (Hungria).

Espada, individual (Homens) — Venceu G. Canlone (França).

Espada, equipe (Homens) — Venceu a equipe da (França).

Sabre, individual (Homens) — Venceu Aladar Gerivich (Hungria).

Sabre, por equipe (Homens) — Venceu a da (Hungria).

LUTAS

Luta livre.

Pêso mosca: — venceu V. L. Vitala da (Finlandia).

Pêso galo: — Nassah da (Turquia).

Pêso pena: — Ganzanfer da (Turquia).

Pêso leve: — Celau Adik (Turquia).

Pêso médio: — Gleen Brandt (U.S.A.).

Pêso meio-pesado: — Henry Wittberg (U.S.A.).

Pêso pesado: — Georges Bobs (Hungria).

Luta - Greco - Romana

Pêso mosca: — Pietro Lombardi (Itália).

Pêso galo: — Kapetersen (Suécia).

Pêso pena: — M. Oclav (Turquia).

Pêso leve: — G. Freij (Suécia).

Pêso meio-médio: — Anderson (Suécia).

Pêso meio-pesado: — Kari Nilson (Suécia).

Pêso pesado: — Armet Kirecci (Turquia).

B O X

Pêso pesado: — Rafael Iglesias (Argentina).

Pêso meio-pesado: — Georges Hunter (Africa do Sul).

Pêso médio: — Laszlo Rapp (Hungria).

Pêso meio-médio: — Julius Torma (Tchecoslovaquia).

Pêso leve: — Geri Dreyer (Africa do Sul).

Pêso pena: — Ernesto Folmente (Itália).

Pêso galo: — Tibor Osdk (Hungria).

Pêso mosca: — Pascoal Perez (Argentina).

T I R O

Tiro de pistola: — Foi vencido pelo Peruano E. Vasquez. (Livre 50 metros).

Tiro rápido: — 25 metros — venceu o Hungaro Takach, com 580 pontos.

Arma pequena (50 metros): — venceu Arthur Cooks (U.S.A.).

Fuzil (300 metros): — venceu Emile Bruning (Suíça) e a equipe dos Estado Unidos.

HIPISMO

Equitação — A prova individual foi vencida pelo Cap. H. Moser da Suíça com 492,5 dos 500 pontos possíveis.

A prova por equipe foi vencida pela Suécia com 1.336 dos 1.500 pontos possíveis, o na prova individual,



A prova de tiro

de 3 dias, sagrou-se campeão o Cap. B. Chevalier da França.

A prova de equipe, 3 dias, foi vencida pelos Estados Unidos.

Prix des Nations.

A equipe do Mexico venceu a prova-Preix des Nations com 34 e 1/4 de faltas.

Quanto à individual, foi vencida pelo Ten-Cel., Mariles (Mexico) com 61 e 1/4 de faltas.

CICLISMO

A prova de 2.000 metros — Tandem — venceu a Itália em 3'30" e 1/10.

Os 1.000 metros foram vencidos por D. J. Dupont (França) com 1'13" 5/10.

Os 4.000 metros (equipe) venceu a França.

A corrida de 120 milhas venceu J. Bayeart (França) com 5 horas 18'12" 6/10.

CANOTAGEM

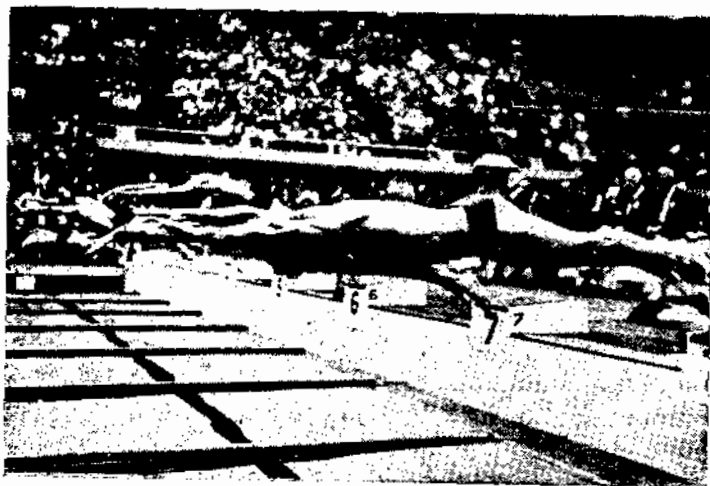
10.000 metros — Barco canadense a 1 — Frantseki Kapek (Tchecoslovaquia), em 1 hora 2'5" 2/10.

10.000 metros caique a 2 — Suécia com 46'9" 4/10.

10.000 metros barco canadense a 2 — Estados Unidos em 55'55" 4/10.

10.000 metros caique a 1 — Fredericksen (Suécia) em 50'47" 7/10.

1.000 metros caique a 1 — Fredericksen (Suécia) em 4'33" 9/10.



500 metros caique a 1 — (Damas), Karan Rolff (Dinamarca) 2'31" 9/10.

1.000 metros barco canadense a 1, Joseph Holocck (Tchecoslovaquia) 5'42".

1.000 metros caique a 2 — Suécia com 4'7" 3/10.

1.000 metros barco canadense a 2, (Tchecoslovaquia) com 5'7" 2/10.

Yatismo.

Firfly — Dinamarca 5.543 pontos; Dragon (Noruega) 5.746 pontos; Star (U.S.A.) 5.828 pontos.

Nos Yats da classe dos 6 metros venceu os Estados Unidos com 5.472 pontos.

Na classe das andorinhas venceu a Gran-Bretanha com 5.625 pontos.



DESPORTOS COLETIVOS

Futebol — Suécia.

Polo Aquático — Itália.

Basquete-Bol — Estados Unidos.

Hoquey — Índia.

A equipe brasileira de Basquete-Bol, constituída apenas de 5 homens categorizados e com um treinamento de conjunto escasso e deficiente, conseguiu chegar à semifinal e, só não se colocou para a final, devido ao estado de saúde em que se apresentaram para o compromisso Brasil x França.

Contagem final de pontos (oficiosa).

- 1.º lugar Estados Unidos com 635 pontos;
- 2.º lugar Suécia, com 320 pontos;
- 3.º lugar França 194 pontos;
- 4.º lugar Itália com 169 pontos;
- 5.º lugar Hungria com 166 pontos
- 6.º lugar Gran-Bretanha com 153 pontos;
- 7.º lugar Dinamarca com 122 pontos;
- 8.º lugar Holanda com 104 pontos;
- 9.º lugar Finlândia e Turquia com 92 pontos;
- 10.º lugar Austrália com 85 pontos.

JOGOS MILITARES

SALLI SZAJNFERBER

1.º Tenente Instrutor

Dentre as modalidades de trabalho físico que o C-21-20 (Manual de Educação Física Militar) prescreve figura como das mais exuberantes a dos jogos militares.

E compreende-se tal inclusão pelas características desta atividade; com sua prática sempre aceita com alegria pelos homens desenvolvem-se ao máximo as qualidades físicas, as qualidades morais e também a qualidade intelectual do raciocínio rápido, tão necessária nos atuais conflitos, onde a variedade das ações se sucede vertiginosamente. Estas são, pois, as qualidades desenvolvidas individualmente, mas no conjunto, é que o jogo militar tem sua maior vantagem como instrução de soldados: é o de lutar para sobrepujar o adversário, sendo para isto tão agressivo quanto preciso — é ter na paz o panorama moral da guerra, é o lutar para vencer.

A qualidade essencial do jogo militar é a agressividade como vimos; é necessário ainda que ele seja de simples execução e que interesse grande número de participantes.

Dentro dessas idéias é que se está elaborando o Manual de Jogos Militares, e do qual vamos apresentar dois tipos.

I — FUTEBOL EMARANHADO

... *Número de jogadores* — Equipipes de igual número, até 200 de cada lado.

Material — 4 a 8 bolas de futebol, dependendo do número de participantes de cada quadro; uma bola deve ser reservada para cada 25 homens.

Terreno — Campo de futebol ou área de 60 x 100 ms.

Jogo — As bolas são colocadas no meio do campo, com cerca de 10 ms. de intervalo. Na saída os homens enfileiram-se na própria linha de fundo e a um sinal, lançam-se para as bolas, tentando chutá-las para a linha de fundo do adversário. Os jogadores podem segurar o adversário em qualquer momento, porém não o podem brutalizar (dar socos, pontapés, tapas); pela violação desta regra

o transgressor é posto fóra de jogo, e seu quadro punido com um tiro livre indireto no local onde a falta ocorreu; não é permitido tocar a bola com qualquer parte do braço abaixo do cotovelo (exceção feita para o goleiro), também esta falta será punida com um tiro livre indireto; em todas as penalidades cobradas os adversários devem afastar-se cinco metros, pelo menos. Os arremessos laterais serão cobrados como no futebol.

Número de juizes — Um juiz para cada bola.

Contagem — Cada vez que uma bola atravessa a balisa onde está o goleiro, marca-se um ponto; quando a bola ultrapassa a linha de fundo é considerada morta e fóra de jogo; este se prolonga até que todas as bolas se tornem mortas. Neste caso o jogo é recomeçado como no início da partida.

Observação — Para haver maior ação por parte dos jogadores as bolas deverão estar um pouco vãsias, ou mesmo, que elas sejam substituídas por capões cheios de trapos ou papéis.

II — BASQUETEBOL GIGANTE

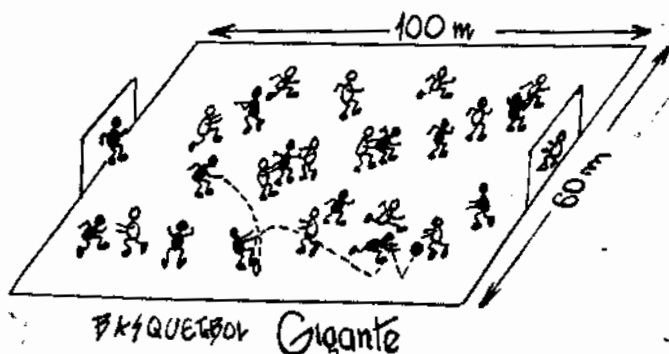
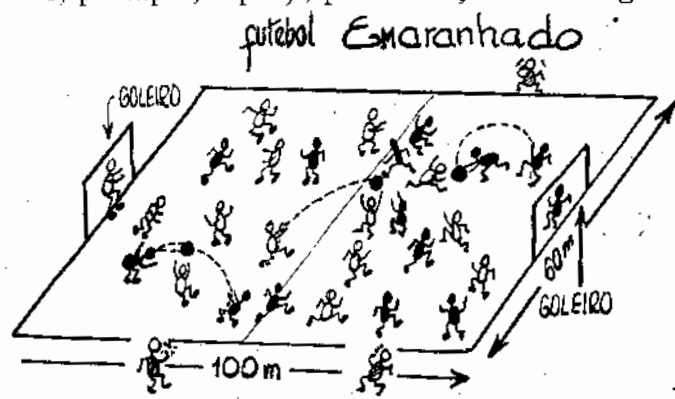
Número de jogadores — 20 a 80 de cada lado (varia com o terreno disponível).

Material — 1 bola de basquete.

Terreno — Campo de futebol, ou área de 60 x 100 ms.

Jogo — A saída é dada no meio do campo entre dois adversários, lançando-se a bola para o alto; a bola deve ser conduzida como no basquetebol, sendo permitido todo e qualquer contato pessoal (inclusive abraçar o adversário). O objetivo é fazê-la atravessar a meta adversária. Haverá arremessos laterais e escanteios. Qualquer infração é cobrada por um lance livre indireto no local em que ocorreu, devendo os adversários guardar uma distância de cinco metros no mínimo. O jogo é feito em dois períodos de tempo, havendo mudanças de campo.

Contagem — À cada bola que vazar o goleiro na meta, contar-se-á um ponto.

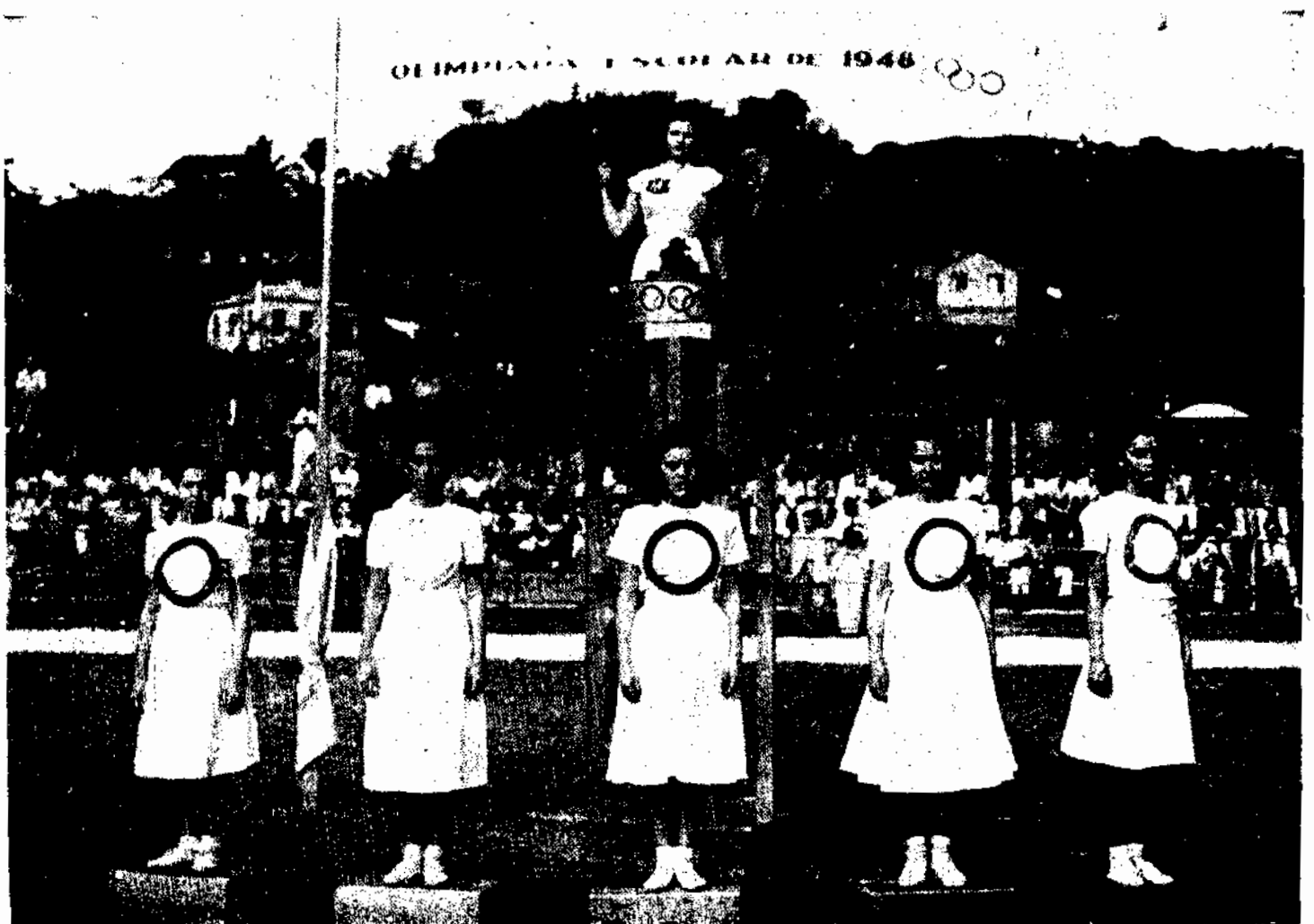


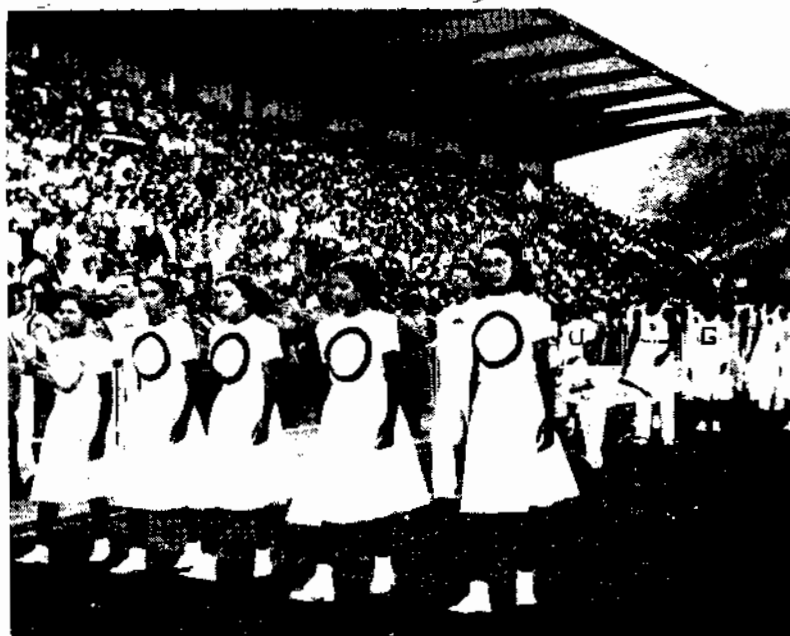


Ed. FÍSICA

NO

ESTADO DO ESPIRITO SANTO





OLIMPIADA ESCOLAR DE 1948

Festejando a passagem de mais um aniversário da INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, realizou-se em Vitória, no período de 4 a 9 de setembro, a OLIMPIADA ESCOLAR DE 1948, sob o patrocínio do Serviço de Educação Física, repartição esta que naquele Estado compete dirigir e orientar a prática dos exercícios físicos e dos desportos no meio estudantil.

O êxito que assinalou a realização de tão magnífico espetáculo cívico-desportivo, veio evidenciar que o Estado do Espírito Santo, continua a ocupar posição destacada no cenário educacional brasileiro.

A sua organização de educação física é das mais antigas no País, tendo aquela unidade federativa o privilégio de ter sido a primeira a fundar uma Escola de Educação Física para a especialização de professores públicos e civis naquela disciplina.

Tem sido motivo de admiração, o interesse que o Governo e o povo capixaba dispensam ao problema da educação física da mocidade escolar.

Além da Escola de Educação Física, com diversos cursos, funciona também anexo ao Serviço de Educação Física o Conselho Desportivo Escolar, órgão orientador dos desportos nos estabelecimentos de ensino secundário, oficiais e particulares existentes no Estado.

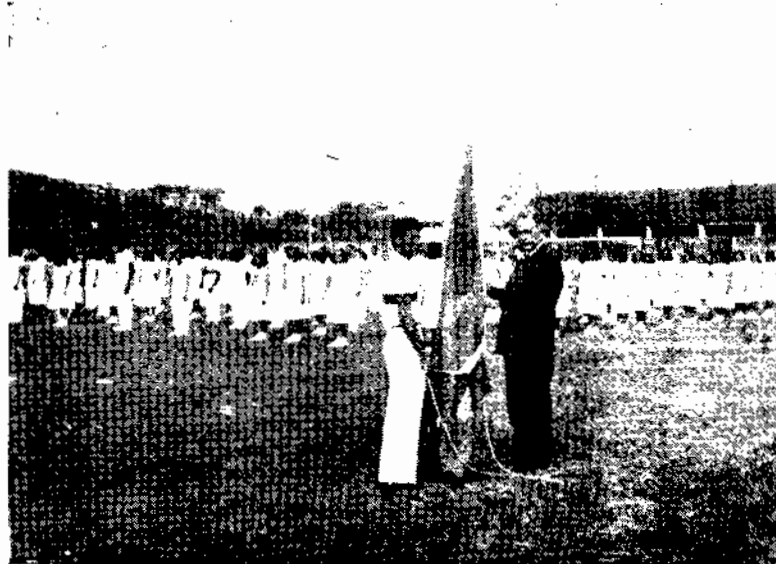
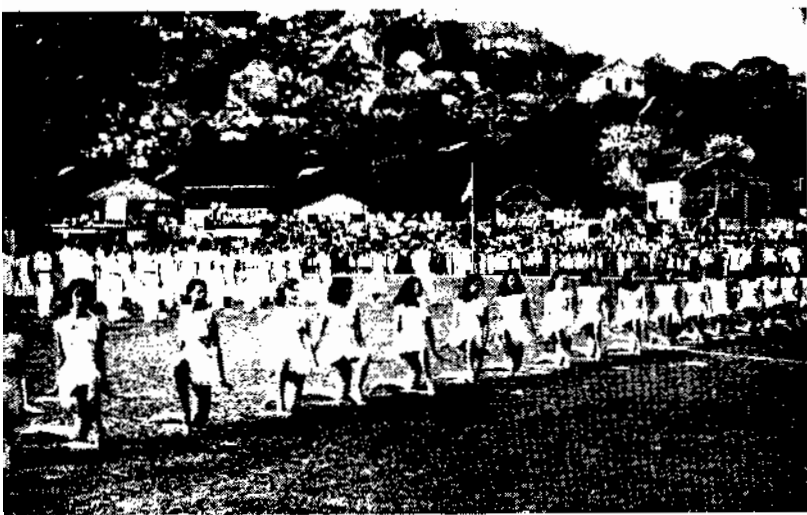
Através do referido Conselho, são realizadas tôdas as competições escolares no Espírito Santo, dando aos estudantes uma assistência educacional das mais salutar e benéficas, com o fim de educá-los física, moral e intelectualmente.

Organizada pela segunda vez, a Olimpíada Escolar ora encerrada, veio fortalecer aquele supremo objetivo, além de ter registrado nos anais do ensino público daquele Estado, um espetáculo cívico-desportivo jamais presenciado pela população capixaba.

A referida competição teve o mérito de evidenciar o progresso que os desportos juvenis, especialmente, o atletismo, o ciclismo e o tennis de mesa, para não citar outros mais populares, alcançaram naquela unidade federativa.

Nas fotografias que ilustram este ligeiro comentário, os nossos leitores poderão apreciar o bonito espetáculo que foi a Olimpíada Escolar de 1948, da qual participaram agremiações desportivas dos estabelecimentos de ensino da Capital e do Interior do Estado, num movimento de grande confraternização e intercâmbio estudantil.

Sagraram-se vencedores do aludido certame, o Grêmio Litero Esportivo «Loren Reno», do Colégio Americano de Vitória e o Grêmio Litero Desportivo «Escola Normal Pedro II», do estabelecimento do mesmo nome.





REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundada em Maio de 1932 pelo General NEWTON CAVALCANTI

ORGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO E DO DEPARTAMENTO DE
DESPORTOS DO EXÉRCITO — URCA — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Diretor Geral — Ten. Cel. *Sylvio Américo Santa Rosa*
Gerente e Redator-Chefe — Cap. *Aldo de Souza Pinto*
1.º Secretário — Cap. *Albino M. da Costa*
2.º Secretário — 1.º Ten. *Lannes de S. Caminha*
Tesoureiro — 1.º Ten. *Eduardo Nobrega*
Desenhista — *Aufran*
Encarregado dos clichês — *Machado*.

N. 60

ANO XV — 1948

PREÇO: Último Número, Cr\$ 4,00; Atrazados Cr\$ 4,50

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar o nome ou função

As assinaturas de 6 números, são pagas adiantadamente

Preços: sob registro: Cr\$ 30,00; porte simples: Cr\$ 20,00

O Sargento *Romeu Lago Guedes* é o único cobrador autorizado desta Revista

Do Olimpo aos Tempos Modernos

ARNALDO GUINLE
(entrevista "A Noite")

Acertando — bem imprudentemente — escrever sobre o Olimpo, vocábulo que se resume em três pobres sílabas, mal percebi que assumia a difícil tarefa de evocar um dos mais vastos capítulos da história. Acresce, ainda, nesse meu embaraço, a circunstância que, sobre ele, já tudo disseram e escreveram os maiores espíritos de todos os tempos. Convenido, portanto, da insignificância desta minha contribuição, deixo, desde já, ao leitor, mandato com poderes irrevogáveis para relegar estas linhas ao rol das coisas e dar-lhes o destino que possa merecer.

Sem dúvida, o objetivo deste trabalho não é o de fazer uma digressão sobre a técnica no esporte antigo, ou uma enumeração dos tesouros de arte, exumados pelos esforços meritórios da Escola Alemã de Arqueologia, ou ainda os da missão Morée, à qual se deve a descoberta do Olimpo, que, durante séculos, perdeu-se na memória dos homens; o limo, a vasa decantada pelo Atpeo e o Cladeos, cuja confluência se dava aos pés das célebres ruínas, acabaram a obra de destruição e convulsão da natureza e da barbárie humana. Nada mais ali acusava a existência dessa sede de tanta glória, de tanta paixão e de tanta energia dispendida em honra a Zeus. Se tivéssemos de escrever sobre ela, um livro não bastaria para traçar-lhe o verdadeiro perfil.

Não se espere de mim, ainda, uma

descrição das solenidades rituais do Olimpo, nem tão pouco uma viagem "à vol d'oiseau" através dos 2500 anos da sua existência. Deixemos esse trabalho ao cuidado daqueles que me sucederão, com mais competência e brilho, nas colunas desse grande vespertino e que melhor saberão realçar o esplendor escultural e arquitetural que ornou e enriqueceu as terras do Olimpo. Limitemo-nos apenas a demonstrar como e porque esse pedaço de terra foi o berço de uma concepção de vida propriamente helênica em sua forma e que, por isso mesmo, gravou na história do Helenismo a sua feição fundamental.

Transportemo-nos, para isso, ao monte Kranion.

Dos lindos pinheiros, que escalam as suas costas, podemos ainda divizar as alamedas de platanos, por onde outrora, desfilaram legiões de atletas e peregrinos; embaixadores e embarcadores; ambições e apetites, e todas as glórias, enfim, de uma civilização ao mesmo tempo complexa e definida. Daí aproximemo-nos do templo, de seu nártex, de suas colunadas e de multitude dos edifícios que o circundam; ex-votos oratórios, locais de sacrifícios e, enfim, do ártis — recinto sagrado — afirmando ser como a sede religiosa, como o centro da cultura espiritual. É que naquele povo e naquela época mal se imaginava uma religião que não repousasse em concepção filosófica, positiva.

Vejamos, pois, se houve ali verdadeiramente a religião do atletismo.

Vejamos ainda porque foi na Grécia que ela se definiu e se esse ideal grego convém ainda ao resto da humanidade. Da resposta afirmativa ou negativa, saberemos se o Olimpo não foi senão um esplêndido acidente histórico ou antes, representa e representou um dos fundamentos mais poderosos da própria humanidade.

Qual é, pois, a definição do atletismo antigo comparado com o dos nossos tempos: elegante, flexível, porém menos sóbrio e profundo. No congresso de psicologia esportiva, realizado em Lausanne, Milloud, professor da Universidade de Lausanne, assim o definiu: "O atletismo é uma forma de atividade muscular, que se aplica desde o esporte até o heroísmo e suscetível de preencher todas as graduações intermediárias.

A essa definição, que podemos chamar de filosófica, oferecemos outra menos eloquente, porém, mais técnica, a nosso ver. "O atletismo é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intenso, calcado no desejo aperfeiçoamento, podendo atingir os limites dos riscos da própria vida".

Mais técnica, dizia eu, porque nela encontramos as cinco noções fundamentais para todo o atleta, quais sejam: iniciativa, perseverança, intensidade, porfia em busca de aperfeiçoamento e desprezo pelos perigos eventuais.

Creio mesmo que nossos grandes ancestrais, se aqui se encontrassem, não alterariam a forma sendo para dar-lhe uma feição mais helênica.

O que certamente os chocaria, seria não verem expressa a idéia religiosa de purificação e santificação.

Esta idéia, entre os helenos, afirmou-se desde o século XI da era cristã, quando já víamos gravado sobre um disco no Olimpo o texto da convenção assinada entre Licurgo e Ifitos, rei de Elis, estabelecendo a trégua sagrada, durante os jogos Olímpicos, e quando todas as dissensões armadas deveriam cessar.

O território do Olimpo, declarado neutro, tornava-se inviolável.

Os concorrentes aos jogos deviam pertencer a raças puras, isentas de crime, impiedade ou sacrilégio. Uma vez aceitos como concorrentes, às provas e após um treinamento de 10 meses, ingressavam no ginásio de Elis, durante 30 dias, antes de se transferirem para o do Olimpo. E todas essas garantias, a um tempo éticas, morais, sociais e técnicas se envolviam de um ritual religioso caracterizado. "Os deuses são amigos dos jogos", dizia Píndaro. Eis porque em honra a esses deuses, a juventude helênica foi incitada, durante séculos, a aperfeiçoar, a modelar o corpo, em exercícios intensivos — a base sobre a qual assentava a sociedade helena.

O helenismo é primordialmente o culto da humanidade na sua vida presente e seu estado de equilíbrio. O que o torna divergente de todos os cultos conhecidos é que o helenismo se fundamenta na existência presente, que deve encerrar a felicidade.

No além-túmulo, só existe o pesar da sua ausência; é uma sobrevivência diminuída, ao passo que todos os cultos, até hoje conhecidos, se basam na aspiração a uma vida melhor: na idéia de recompensa e felicidade além-túmulo e no temor de punição por ofensas feitas aos deuses. "O homem é um deus caído dos céus e que dele se lembra". Eis a concepção, em que se fundam quase todas as religiões individuais ou pan-teístas, isto é, aquelas que consideram deus como a alma do mundo e o mundo como corpo da divindade; mas anti-grega em toda a sua plenitude.

Sendo observemos os deuses gregos. Homens magníficos, mas homens de razão, de atividade, de equilíbrio; sociáveis, esportivos, pessoais e menos contemplativos. Um escritor de coisas das remotas éras dizia que, para os egípcios judeus, persas e muçulmanos, a vida religiosa se resumia em aprender a decorar os textos sagrados; porém, que a religião para os gregos era uma religião sem livros...

Eis aí o paganismo. Não aquele que mal se define com a adoração de ídolos, característica, aliás, de todas as religiões, mesmo as que são profundamente místicas, mas sim o verdadeiro paganismo, aquele de que a humanidade jamais se libertará, isto é, o culto do ser humano, espírito e carne, sensibilidade e vontade, energia e consciência, dois despostas que se disputam a primazia e cujo conflito não raro dilacera cruelmente os nossos corações. Necessária, po-

rem, é o seu equilíbrio, sem o que a humanidade — indivíduo ou sociedade — cairiam em excessos extremos precursores da decadência moral e material. Coube ao helenismo a glória imortal de conceber a sua codificação e dele fazer os fundamentos de uma grandeza social.

O Olimpo viveu 1168 anos, por isso que a primeira olimpíada, registrada na história data de 766 anos antes da era cristã, e os jogos foram suprimidos por um édito de Teodósio no ano de 392. Esses jogos quadrienais, foram restabelecidos integralmente. O monumento inaugurado no Olimpo em 1927, indica que a primeira Olimpíada dos tempos modernos foi celebrada em Atenas, em 1896. Em 1928, realizava-se em Amsterdã a IX; em 1932, em Los Angeles, e assim por diante até a XIVª, na cidade de Londres. O Olimpo viveu perto 12 séculos, não sem agitações por vezes profundas, mas que jamais atingiram as sucessões magníficas de suas celebrações. Mesmo ao tempo das ameaças persas, os helenos se reuniam às margens do Alfeu, para, em festas quadrienais, render culto a Zeus.

A VIIIª Olimpíada foi perturbada por divergências entre os seus organizadores, 104ª. três séculos mais tarde, foi mesmo a testemunha de um atentado a trégua sagrada. Seu brilho como bem se pode imaginar, dependia da habilidade dos seus dirigentes, as somas nelas investidas (como as situações se repetem!), bem como na quantidade e qualidade dos atletas participantes. Houve como era natural, festas esplêndidas inolvidáveis; mas outras vulgares. Contudo, o que sempre caracterizou as festas olímpicas em todos os tempos, foi o seu fundo sagrado e centro religioso pagão.

Com o advento do cristianismo, extinguiu-se a chama sagrada dos seus altares.

A sua supressão, que data do édito de Teodósio II, não se deve confundir com a sua destruição. Nada tem de comum com o Teodósio I, publicado com 30 anos de intervalo, no transcurso do qual as hordas de Alarico por ali passaram pilhando todos os seus tesouros e dispersando todas as suas riquezas. Mas, os edifícios subsistiram patinados pelos séculos num semi-abandono, solitários e silenciosos. Teodósio II, ordenou, a sua destruição, que não foi total.

Com o abandono das comportas preservadoras as enzentes sucessivas do Cladeos acabaram, a sua destruição. Depois, como para selar o término de tantas glórias inolvidáveis, dois terremotos sobrevieram para abater os seus pórticos e as suas colunadas. O sudário do esquecimento recobriu as ruínas. E assim, o Olimpo desapareceu da superfície da terra, entrando nas trevas dos esquecimentos dos homens. Mas, continuemos aos pés do monte Kronion. As cores ardentes do ocaso se atenuam.

No azul sombreado pela noite que se anuncia, as primeiras estrelas se iluminam ao mesmo tempo que, mais ao longe na encosta da montanha, onde se acõnchega o vilarejo, as primeiras luzes refulgem ao redor do monumento heróico. O pálido ráto de lua resvala no mármore milenar re-

fuigindo as últimas linhas da inscrição histórica... "em consequência... a primeira olimpíada da era moderna foi gloriosamente celebrada no estádio restaurado de Atenas por todos os povos da terra, no ano de 1896, do reinado de Jorge I, rei dos helenos". O estádio de Atenas restaurado! Como nos tempos de Péricles e Fidias, os tesouros derramados; criaram, ali, um capital inalienável, que alimentaram até os últimos dias da vida moral e material, aquela que ficou na memória dos homens como a metrópole do espírito e da graça.

Jorge I foi o primeiro monarca a pronunciar as palavras sacramentais: "Eu proclamo inaugurados os jogos da I Olimpíada da era moderna", como, aliás, o fizeram posteriormente os chefes de estado de outras nações na sucessão quadrienal desse histórico certame.

Pouco a pouco, os Jogos Olímpicos se realizaram no seu quadro moderno, embora animado pelo espírito artigo. A seu idealizador e fundador, o inesquecível Barão Pierre Coubertin, devemos a restauração do monumento antigo, que é o estado de Atenas, igualmente a criação e organização do Comité Olímpico Internacional, posteriormente reconhecido por todas as nações. Seus membros não são delegados no seio desse Comité. E' -lhas mesmo vedado aceitar de seus concidadãos um mandato imperativo capaz de cercear-lhes a liberdade. Devem, pelo contrário, considerar-se como embaixadores olímpicos nos seus respectivos países. Os seus mandatos são ilimitados; alguns, como a que subscreve estas linhas, nêle figuram há quase 30 anos. Não recebendo estipêndio de espécie alguma, sua independência é absoluta.

Desde a 1.ª celebração, a inauguração e o encerramento dos Jogos Olímpicos revestiram-se de aspecto solene, mas a sua forma definitiva data da época em que os atletas, em formula breve, solene e impressionante, prestam juramento diante das bandeiras reunidas de todas as nações participantes.

A hostilidade da Igreja romana, a princípio violenta, não mais subsiste. A Igreja Católica, estendeu-lhe o manto protetor, em 1906, quando Pio X presidiu os exercícios atléticos dos patronatos religiosos da França, Bélgica, Itália e outras nações, no pátio São Damasse.

Eis-no ao fim de nosso trabalho, voltando à idéia inicial. Assim como o atletismo antigo, o atletismo moderno é uma religião, um culto e uma fonte passional susceptível de desenvolver os adeptos: do jogo ao heroísmo". Assim o Olimpo está sempre em nossa memória, embora os santuários helenos não mais refuljam. O Olimpismo viveu sempre e sempre viverá, porque se afirmou no conceito de todas as nações do mundo. Eis aí o símbolo da perenidade helena. Foi pela Grécia do século passado que a humanidade sentiu que um povo pode encerrar-se durante três séculos num sepulcro e levantar-se dele redutivo, rejuvenecido, porque "não se destróem os povos que não querem morrer".



Gíngado (guarda)

HISTÓRICO

A capoeiragem, ou simplesmente capocira, veio para o Brasil com os negros bantús, aqui aportados em muitas levas, com os traficantes de escravos. Muitos há que a chamam "angola", em memória, certamente, a terra de origem.

Ainda hoje a capoeira é praticada no Brasil quase que exclusivamente pelos homens de cor e

CAPOEIRA

Ten. HIGINO BORGES

é mais conhecida nos pontos onde houve maior penetração de bantús. Talvez, por esse motivo e, principalmente, por terem sido os capoeiras seriamente perseguidos, essa luta que deveria ser amplamente difundida entre nós, é de todo esquecida, a despeito do seu valor como meio de defesa pessoal e como meio complementar de treinamento físico.

Em alguns trabalhos de autores nacionais encontram-se referências sobre a prática de uma luta em que se exercitavam os pretos escravos, em seus dias de folga e de que se valiam como defesa, quando fugiam ao jugo ferrenho dos feitores.

Os pretos fugitivos que se organizavam, como os *palmares*, valiam-se da capoeira nos ataques aos viajantes e nos saques que praticavam, sendo de tal modo endemoniados nessa luta, que causavam particular temor a quem se lhes opunha.

Com o passar do tempo, mesclou-se no Brasil, a raça dos capoeiristas (angolas) principalmente com os brancos de origem portuguesa, surgindo daí, entre outros tipos de mestiçagem, o mulato, cruzamento das raças preta e branca.



Armada de frente

A esse tipo reacionário devemos o desenvolvimento extraordinário que teve a capoeira, assim como foi marcante sua influência na literatura nacional.

Nos primórdios da República a capoeira já estava difundida nas diferentes classes sociais. Sua prática, entretanto, destituída de disciplina, tinha sempre como objetivo a desordem. Ainda os capoeiristas de gravata eram tipos acabados de capadócios e desordeiros, frequentadores de lupanares e cafés onde se salientam por sua habilidade na luta de "angola".

No Governo do Marechal Deodoro desencadeou-se forte perseguição aos capoeiristas dado a gravidade e frequência de suas desordens. Os mais perigosos chefes de malta ou bando, desordeiros contumazes e capoeiras de qualquer condição social eram presos e embarcados para Fer-

nando Noronha, e lá sujeitos a trabalhos forçados, graças a severidade e imparcialidade de Sampaio Ferraz, então Chefe de Polícia. Dessa imparcialidade surgiram muitos impecilhos e desentendimentos entre os governantes, desentendimentos esses, que chegaram a influir na política nacional.



Armada solta

Era tal a evidência dos capoeiras que o Código Penal prescreveu: — “Dos vadios e capoeiras”. Teriam prisão celular de dois a seis meses aqueles que fizessem nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e defesa corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem”. Noutro parágrafo do mesmo artigo se lê: — é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Ao seu Chefe ou cabeça se imporá a pena pelo dobro”.

Em lendo-se sobre a perseguição desencadeada aos capoeiras, tal como relata A. Cintra, é fácil compreender porque a capoeira só existe nos morros ou fica escondida para lá do terreiro, na rua das Laranjeiras, em Salvador.

Ai está uma notícia sobre a história da capoeira, luta relegada ao esquecimento e que poderia ser para nós como o Jiu-jitsu o é para os japoneses e o box para os americanos do norte.



Queixada

A LUTA

Biotipo:

O biotipo ideal para a capoeira é o longilíneo, podendo entretanto qualquer indivíduo praticá-la com perfeição, tudo dependendo do desenvolvimento de qualidades outras capazes de suprimirem as deficiências morfológicas.

Qualidades que desenvolve:

As qualidades são, de ordem física: flexibilidade, agilidade, resistência, destreza e rusticidade; de ordem moral: coragem, audácia, sangue frio e energia; de ordem intelectual: rapidez de raciocínio e atenção.

Técnica e tática

Para a aprendizagem da luta faz-se mister uma preparação prévia de resultados tanto mais positivos quanto mais cuidadosa fôr. A preparação consiste, inicialmente, na prática de flexionamentos e educativos dos golpes e, finalmente, a prática desses golpes. A preparação é realizada com aparelhos simples, como cadeiras, puching-ball, etc., e terá a grande vantagem de permitir que os principiantes se desenvolvam na luta sem sofrerem as consequentes contusões oriundas de golpes certos. Daí resulta que o principiante cria confiança em si, e embora sofrendo acidentalmente uma contusão, não terá o mesmo reflexo que teria se isso acontecesse de início.



Meia lua de compasso

Os exercícios analíticos a serem realizados são os flexionamentos (principalmente, da articulação coxo-femural) e a prática da queda pelo processo particular da luta seguida pelo rolamento (rolê).

A técnica dos golpes será tanto mais perfeita quanto maior haja sido a preparação e decorrerá também da sua repetição (treinamento).

A tática da luta, chamada pelos capoeiras baianos, com quem tive a oportunidade de treinar, de “malandragem”, é a parte mais difícil de se aprender, pois depende da aptidão própria de cada um.



Martelo

A prática da luta e a observação de outros lutadores mais experimentados é o melhor meio de aprender esta parte.

A capoeira é uma luta em que os flexionamentos são constantes e exigem bastante esforço, resultando a necessidade de ser treinada com um ritmo certo, para que os "rounds" possam ter maior duração.



Cabeçada

O berimbau é o instrumento usado pelo capoeirista da Bahia. Instrumento simples e primitivo que preenche perfeitamente sua finalidade, entretanto, qualquer instrumento de corda poderá substituí-lo.

Nas festas populares da capital baiana a capoeira tem um lugar de destaque; onde se ouve o tilintar do berimbau aí estão em demonstração dois ou mais angolas, que, com rara habilidade, apanham com a bôca moedas que os assistentes atiram ao solo, no meio do círculo onde eles se exibem.



Tapon

Varietades da capoeira

Existem em Salvador, capital da capoeira, duas escolas: a dos angolas e a do mestre "Bimba", chamada por ele luta regional. Mestre "Bimba" é um capoeira conhecido dentro e fóra da Bahia, dada a sua fama nas pugnas, na luta de cabeçada e de rabo de arraia; dele contam-se fatos verdadeiramente fabulosos.

Angola e a luta regional são a mesma luta, havendo na segunda pequenas diferenças criadas por "Bimba". Os golpes têm as mesmas características embora com denominações diferentes. A luta regional caracteriza-se principalmente pelo gingado constante do lutador em guarda e pela supressão de certos golpes chamados "floreios" (movimentos feitos com o objetivo de impressionar a assistência), tais como os movimentos de apauhar, com a bôca, moedas no solo.



Suicídio

Como se vê, a luta regional é uma capoeira mais com o objetivo utilitário sem o primitivismo anti-higiênico dos pretos de Angola. Mestre "Bimba" é diretor e corpo dicente de uma academia de luta regional, constituída por uma única sala com piso de cimento e alguns berimbaus presos às paredes. "Bimba" divide a capoeira, didaticamente, em: capoeira baixa e capoeira alta com floreios. A primeira é ensina como curso básico e a segunda é um aperfeiçoamento para os bons capoeiras. A segunda parte não é propriamente uma luta, mas, uma ginástica extraordinariamente atraente e simétrica que solicita, a maioria dos músculos do corpo. Ela exige do praticante muita agilidade e flexibilidade a par de uma completa naturalidade na execução dos movimen-



Joelhada

tos; é rica em "floreios" e tem um ritmo diferente do da luta comum. Pelo soar do berimbau é fácil saber-se se os lutadores são angolas ou regio-

nais, pois estes últimos empregam um tom mais alto.

Golpes e contra-golpes

Os golpes característicos da capoeira são desferidos com os membros inferiores e visam contundir o corpo de seus antagonistas ou desequilibrá-lo pela ação sobre os mesmos seguimentos em momento oportuno. Além desses golpes característicos, outros são conhecidos dos capoeiras, tais como os estrangulamentos e as respectivas defesas, golpes esses, usados nas sessões de ataque e defesa do C 21-20.



Rasteira

Faremos menção aqui aos golpes próprios da capoeira, menos conhecidos, por serem característicos dessa luta com sua terminologia baseada na luta regional.



Resistência

Dividiremos em golpes ofensivos e defensivos, segundo sua aplicação mais comum na luta.

Ofensivas: 1) — gingado; 2) — armada de frente; 3) — armada solta; 4) — queixada; 5) — meia lua de compasso; 6) — martelo; 7) — cabeçada; 8) — tapona; 9) — suicídio; 10) — joelhada; 11) benção.



Aú



Rolê

Defensivos: 1) — guarda; 2) — rasteira; 3) — resistência; 4) — cabeçada; 5) — aú; 6) — sapinho; 7) — rolê.



Benção

O resurgimento da capoeira será fácil e de grande alcance, principalmente, no Exército, bastando para tanto que oficiais e sargentos especializados em Educação Física sejam instruídos neste assunto. Sobre matéria tão escassa apresentamos o presente trabalho, despretencioso e calcado no que observamos e aprendemos em Salvador, com mestre "Bimba" e com as praças do contingente de 1947 (angolas), nossos instruídos, bem como do que nos foi possível ler a respeito de capoeiragem.



BOLA MILITAR

(Conclusão do publicado no número anterior)

REGRA X

BOLA AO CHÃO

74) O juiz dará "bola ao chão" quando:

- o "bôlo" não se decidir nos 30";
- não puder determinar a que quadro pertence o arremêso lateral;
- no reinício do jogo (Regra VI n. 45, alínea b);

75) A bola ao chão será dada entre os dois jogadores adversários que:

- disputem mais estreitamente a posse da bola, no bôlo;
- tenham tocado a bola por último, no caso de bola fora;
- sejam designados pelo juiz (Regra VI, n. 45, alínea b).

76) Os jogadores entre os quais for dada "bola ao chão", postar-se-ão frente a frente, mantendo um afastamento das pernas, suficiente para dar livre passagem à bola, costas para sua defesa, ambas as mãos colocadas nos joelhos. Ao soar o apito do juiz, os jogadores disputam a bola colocada no chão, arremessando-a, por entré as pernas, para trás. Os demais jogadores colocar-se-ão em linha, em qualquer número, a cinco metros atrás do disputante da respectiva equipe (3.ª figura da ordem).

77) Não poderão segurar a bola, antes que seja tocada por outro qualquer jogador; são obrigados a impulsioná-la para trás à sua equipe. As mãos só abandonam os joelhos ao som do apito.

78) Quando a "bola ao chão" ocorrer no interior da área de pena máxima, a bola será disputada na marca do tiro de pena máxima.

Penalidade:

79) Punir-se-á com um tiro livre ao quadro cujo jogador infringir o prescrito acima.

REGRA XI

DEVERES DOS JOGADORES

80) Ao Capitão da equipe compete:

- apresentar o quadro ao apontador, apresentando-lhe os esclarecimentos que forem solicitados pelo mesmo;
- fazer, ao juiz, ponderações cabíveis dentro destas regras;
- manter a disciplina do quadro em campo, pela qual será o único responsável;
- determinar a troca de posições entre os jogadores quando julgar necessário;
- pedir tempo para as substituições a serem feitas no quadro;
- dirigir-se à mesa com permissão do juiz, quando o jogador substituto estiver fora do jogo;
- saber, por intermédio do juiz, o tempo e a contagem da partida.

81) Ao jogador compete:

- apresentar-se ao juiz e ao apontador quando houver uma substituição (tanto o substituto como o substituído);
- interromper, imediatamente, qualquer jogada ao ouvir o apito do juiz, deixando a bola onde esta se encontrar;
- apresentar-se ao juiz quando tiver que abandonar o campo, mesmo sem ser substituído, salvo caso de impossibilidade decorrente de acidente;
- cumprir tôdas as determinações das autoridades da partida; em caso de dúvida dirigir-se ao juiz, por intermédio do Capitão da equipe.

82) Todo jogador pode:

- correr, tendo a bola segura ou batendo-a e rebatendo-a no chão, com o fim de arremessá-la às redes adversárias, ou fazer um passe a um companheiro;

- b) cabecear a bola;
- c) esquivar-se de um ou mais adversários que procuram impedir sua progressão;
- d) segurar, pelo tronco ou braços, ou trancar, licitamente, o adversário de posse da bola, visando disputar-lhe esta posse ou formar o "bôlo";
- e) empregar os recursos da letra *d* contra o arqueiro contrário, desde que ele esteja fora de sua "área de meta".

83) O arqueiro pode socar a bola ou rebatê-la com qualquer parte do corpo, à exceção do pé, desde que se encontre dentro de sua área de pena máxima. Fora destes limites, o arqueiro, será considerado um jogador igual aos demais.

REGRA XII

INFRAÇÕES E PENALIDADES

A) — *Infrações*

- 84) Constituem infrações:
- a) dar sôco na bola, ou batê-la com o pé, salvo os casos especificados nestas regras;
 - b) atacar de qualquer maneira o adversário sem a bola;
 - c) segurar pelas pernas ou pescoço do adversário com ou sem bola;
 - d) segurar, trancar ou carregar sobre o arqueiro, estando êste dentro da sua área de meta;
 - e) calçar o adversário, com a boal, ou agachar-se na frente ou atrás do adversário com o intuito de derrubá-lo;
 - f) atacar de maneira perigosa ou violenta o adversário, trancando-o ou empurrando-o pelas costas;
 - g) maltratar ou agredir qualquer adversário ou autoridade do jôgo;
 - h) não cumprir qualquer determinação das autoridades do jôgo;
 - i) impulsionar a bola, ou progredir na jogada, depois de haver o juiz determinado a interrupção do jôgo;
 - j) reclamar das decisões do juiz ou seus auxiliares;
 - l) dirigir-se aos espectadores, ou portar-se de maneira inconveniente em campo;

- m) receber de qualquer elemento ligado a seu quadro, instruções relativas ao jôgo, no transcorrer da partida;
- n) entrar ou sair do campo sem autorização do juiz.

Nota — É permitido fazer a "parada" com o corpo, evitando que um adversário interfira na jogada.

B) — *Penalidades:*

85) Punir-se-á com um tiro livre o quadro cujo jogador cometer uma das infrações constantes das letras *a, b, c, d, e, f, m, n*.

86) Sofrerá a punição acima, agravada com a pena de expulsão, a infração da letra *g*.

87) As infrações *h*, *j*, e *l* serão punidas com advertência e arremêso lateral, quando cometidas a primeira vês.

88) Conforme a gravidade de qualquer das infrações acima, o juiz poderá expulsar o infrator, punindo ainda o quadro com um tiro livre.

89) Quando ocorrer infrações simultâneas deverá ser levada em consideração a mais grava.

90) Si qualquer das infrações, catalogadas nestas regras, ocorrer dentro da área de pena máxima, a punição será de pena máxima.

91) O jogador expulso não será substituído.

REGRA XIII

DESCONTO DE TEMPO

92) O desconto de tempo só se efetuará quando ordenado pelo juiz.

93) O desconto de tempo terá lugar:

a) para as substituições, na forma da regra III;

b) para socorrer qualquer jogador, em caso de acidente;

c) por qualquer outro motivo, a juízo do árbitro;

94) Os descontos de tempo referidos nas letras *a* e *b* não poderão ultrapassar de um (1) e dois (2) minutos, respectivamente; os da letra *c* serão função da causa que os motivou.

95) O socorro constante da letra *b* (n.º 90) poderá ser prestado dentro do campo de jôgo, no tempo consignado no n.º 93.

96) Escoado o tempo de dois (2) minutos, o jogador acidentado será retirado de campo, podendo ser substituído si o quadro ainda tiver direito a fazer substituições.

97) O reinício do jôgo, após o desconto de tempo, será feito:

a) com a execução da penalidade que determinou bola morta;

b) Com "bola no chão", no ponto onde esta se encontrava, entre dois adversários, de preferência os chefes de equipes, nos demais casos.

REGRA XIV

CLASSIFICAÇÃO DAS EQUIPES EM CAMPEONATOS

98) A classificação das equipes nos campeonatos ou torneios far-se-á computando-se-lhes:

a) 2 pontos por jogo ganho;

b) 1 ponto por jogo empatado;

c) zéro ponto por jogo perdido.